

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA

JESSICA SILVA PEREIRA

DESINFORMAÇÃO E PANDEMIA: a influência das *fake news* no processo de
vacinação por covid-19 no Brasil

São Luís

2024

JESSICA SILVA PEREIRA

DESINFORMAÇÃO E PANDEMIA: a influência das *fake news* no processo de vacinação por covid-19 no Brasil

Monografia apresentada ao Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Maranhão como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia.

Orientadora: Profa. Dra. Maria da Glória Serra Pinto de Alencar

São Luís

2024

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Pereira, Jessica Silva.

Desinformação e Pandemia : a influência das fake news no processo de vacinação por Covid-19 no Brasil / JessicaSilva Pereira. - 2024.

76 p.

Orientador (a) : Maria da Glória Serra Pinto de Alencar. Monografia (Graduação) - Curso de Biblioteconomia, Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2024.

1. Desinformação. 2. Fake News. 3. Redes Sociais. 4. Vacinas. 5. Covid-19. I. Alencar, Maria da Glória Serra Pinto de. II. Título.

JESSICA SILVA PEREIRA

DESINFORMAÇÃO E PANDEMIA: a influência das *fake news* no processo de vacinação por covid-19 no Brasil

Monografia apresentada ao Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Maranhão como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia.

Orientadora: Profa. Dra. Maria da Glória Serra Pinto de Alencar

Aprovada em:

BANCA EXAMINADORA

Profª Drª Maria da Glória Serra Pinto de Alencar (Orientadora)
Universidade Federal do Maranhão

Profº Drº Marcio Ferreira da Silva
Universidade Federal do Maranhão

Profª Drª Silvana Maria de Jesus Vetter
Universidade Federal do Maranhão

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por me conceder a oportunidade de ingressar e concluir minha graduação. Ele sempre foi meu alívio nos momentos mais difíceis dessa jornada.

Aos meus pais, que são minha base de apoio e estiveram ao meu lado em cada etapa, incentivando-me e ajudando da melhor forma possível, ofereço minha eterna gratidão. À minha irmã Jeciane, que sempre me admirou e torceu por mim, deixo meu mais profundo agradecimento. Aos meus tios, especialmente ao tio Jantson, que contribuiu para meu ingresso na universidade, e à tia Sílvia, que me incentivou e ajudou quando mais precisei. Aos meus avós, que sempre me apoiaram e torceram por mim, agradeço por terem tido papéis fundamentais nesta caminhada.

Aos meus amigos de sala, Ludmila, Arthur, Nicole, Gabriel e, em especial, Jennifer, uma das melhores pessoas que já conheci, sou grata pela companhia, apoio e pelas memórias criadas. Vocês tornaram a universidade um lugar mais acolhedor e alegre, ajudando-me imensamente a superar todos os desafios.

Ao meu namorado Rodrigo, meus mais sinceros agradecimentos por sua paciência, apoio constante e por acreditar em mim, mesmo nos momentos em que pensei que não conseguiria.

Agradeço também à minha orientadora Glória, que aceitou o desafio de me orientar e foi essencial no desenvolvimento deste trabalho. E, por fim, sou grata à minha banca, composta por Márcio e Silvana, por aceitarem o convite de me avaliar e me direcionarem na apresentação deste trabalho.

A cada um de vocês, minha gratidão eterna. O apoio, incentivo e esforço de todos foram fundamentais para meu crescimento e desenvolvimento.

RESUMO

Este estudo aborda a desinformação e as *fake news*, apresentando sua influência na sociedade, especialmente no processo de vacinação contra a covid-19 no Brasil. Inicialmente, é descrito um breve histórico dos meios de comunicação, desde a invenção da escrita até os recursos tecnológicos utilizados atualmente, além da problemática das *fake news* na era da informação, com destaque para a utilização das vacinas como foco durante a pandemia. O objetivo geral do estudo é analisar a influência exercida pelas *fake news* no processo de vacinação contra a covid-19 no Brasil e, especificamente, verificar os meios informacionais mais utilizados, identificar os danos e ameaças da desinformação para indivíduos e para a saúde pública, bem como avaliar a confiabilidade ou hesitação na decisão de se vacinar. Trata-se de uma pesquisa quantitativa, descritiva, realizada por meio de levantamento bibliográfico, utilizando o método *Survey*. A coleta de dados foi efetuada por meio de um questionário disponibilizado em redes sociais, tendo como sujeitos da pesquisa os seus usuários. A aplicação do questionário permitiu identificar que os usuários não vacinados ou vacinados por obrigação compartilham diversas semelhanças, especialmente no que se refere às fontes de informação, às redes sociais mais utilizadas, à checagem da veracidade das informações e à confiança nas fontes oficiais. Em conclusão, evidencia-se a influência das *fake news* e os prejuízos que causam aos indivíduos e à saúde pública, sendo necessário o desenvolvimento de ações que otimizem a capacidade desses usuários para filtrar dados, além de fortalecer o debate público sobre desinformação, liberdade de expressão e responsabilidade no uso dos meios digitais.

Palavras-chave: desinformação; *fake news*; redes sociais; vacinas; covid-19.

ABSTRACT

This study addresses disinformation and fake news, presenting their influence on society, especially in the vaccination process against covid-19 in Brazil. Initially, a brief history of the media is described, from the invention of writing to the technological resources currently used, as well as the issue of fake news in the information age, with a focus on the use of vaccines during the pandemic. The general objective of the study is to analyze the influence exerted by fake news on the vaccination process against covid-19 in Brazil and, specifically, to verify the most used informational means, identify the damages and threats of disinformation to individuals and public health, and evaluate the reliability or hesitation in the decision to get vaccinated. It is a quantitative, descriptive research, conducted through a literature review using the Survey method. Data collection was carried out through a questionnaire made available on social networks, with the subjects of the research being their users. The application of the questionnaire made it possible to identify that unvaccinated users or those vaccinated by obligation share several similarities, especially regarding information sources, the most used social networks, the verification of the information's truthfulness, and trust in official sources. In conclusion, the influence of fake news and the harm it causes to individuals and public health is evident, making it necessary to develop actions that enhance users' ability to filter data, as well as to strengthen the public debate on disinformation, freedom of expression, and responsibility in the use of digital media.

Keywords: misinformation; fake news; social networks; vaccines; covid-19.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Notícias falsas veiculadas sobre assuntos diversos	39
Figura 2 - Notícias veiculadas sobre vacinas contra a covid-19.....	39
Gráfico 1 - Motivações para vacinação e não vacinação dos participantes	50
Gráfico 2 - Distribuição da Identidade de Gênero	51
Gráfico 3 - Faixa etária dos participantes	52
Gráfico 4 - Nível de escolaridade dos participantes.....	53
Gráfico 5 - Classe social dos participantes	54
Gráfico 6 - Religião dos participantes.....	55
Gráfico 7 - Regiões dos participantes.....	56
Gráfico 8 - Meio mais utilizado como fonte de informação	57
Gráfico 9 - Verificação da veracidade das informações.....	58
Gráfico 10 - Rede Social mais utilizada de cada participante.....	59
Gráfico 11 - Confiabilidade nas informações sobre a covid-19 e as vacinas.....	60
Gráfico 12 - Hesitação vacinal por informações negativas nas redes sociais	61
Gráfico 13 - Crença na influência das fake news na vacinação por covid-19.....	61

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 METODOLOGIA	15
3 INFORMAÇÃO: os primórdios de uma nova era.....	17
3.1 O desenvolvimento da escrita.....	17
3.2 A criação da imprensa.....	19
3.3 Invenção do computador	20
3.4 Surgimento da Internet.....	22
3.5 Algumas considerações sobre a Era da Informação	23
4 FAKE NEWS NA ERA DA INFORMAÇÃO E SUA INFLUÊNCIA NA DESINFORMAÇÃO DA SOCIEDADE	26
4.1 Tipos de <i>fake news</i>	29
4.2 Propagação das <i>fake news</i>.....	31
4.3 Impactos das <i>fake news</i> na sociedade.....	33
4.4 Regulamentação e desafios.....	35
5 O COMBATE ÀS FAKE NEWS NO BRASIL NA PANDEMIA DA COVID-19 E O DESAFIO DA VACINAÇÃO DA POPULAÇÃO	41
5.1 A importância da vacinação para saúde pública	44
5.2 Sistema de Imunização Brasileiro.....	45
5.3 Desinformação e dificuldades no processo para prevenção da covid-19 no Brasil	46
6 RESULTADOS E DISCUSSÕES	50
7 CONCLUSÃO.....	63
REFERÊNCIAS.....	66
APÊNDICE - QUESTIONÁRIO.....	76

1 INTRODUÇÃO

Atualmente, a chamada Era da Informação é marcada pelo constante desenvolvimento das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs), que permitem o acesso e a disseminação instantânea de informações. Todavia, nem sempre foi assim; a informação passou por um longo processo de desenvolvimento, desde a invenção da escrita até as telas de computadores e smartphones. No entanto, essa facilidade também abriu portas para a proliferação de *fake news*, impulsionadas pelas tecnologias e associadas a fatores políticos, econômicos e sociais que incentivam sua propagação. Essas notícias, porém, não constituem um fenômeno recente. Segundo o Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa, Cunha (2010) afirma que a palavra "mentira", que significa "faltar com a verdade", está presente no português desde o século XIII e está relacionada à ideia de "inventar".

Desde o princípio, a mentira tem sido utilizada com a intenção de que uma informação falsa seja aceita como verdadeira. Na Era da Informação, essa prática evoluiu para o que se chama de *fake news*, que, ao contrário de simples boatos, são construídas e publicadas com o objetivo de enganar, manipular, prejudicar indivíduos ou grupos, além de influenciar a tomada de decisão. A disseminação dessas notícias falsas ocorre, em parte, pela busca de poder e controle, com o intuito de influenciar ou moldar a percepção pública, polarizar discussões e reforçar ideologias. Assim, as *fake news* se tornaram uma ferramenta poderosa na contemporaneidade, onde a desinformação pode direcionar a opinião pública, impactar decisões eleitorais, minar a confiança em instituições e influenciar o comportamento social.

Embora as *fake news* sempre tenham existido, ganharam maior popularidade durante as eleições presidenciais dos Estados Unidos em 2016, marcadas pela disseminação de desinformação, especialmente nas redes sociais, favorecendo o candidato Donald Trump. De maneira semelhante, o Brasil vivenciou situação parecida nas eleições presidenciais de 2018, que beneficiaram o candidato Jair Bolsonaro e impactaram diretamente o resultado das urnas. Esses eventos demonstram como a desinformação, rápida e eficaz, tornou-se uma ferramenta de manipulação política, capaz de afetar decisões democráticas. Durante a pandemia da covid-19, além da crise política, socioeconômica e de saúde pública, as *fake news* geraram uma desordem informacional, caracterizada pela Organização Mundial da

Saúde-OMS como "infodemia", fenômeno que agravou a pandemia ao influenciar a tomada de decisão por parte da população.

Além disso, a negação da ciência, impulsionada por figuras políticas, como o presidente Bolsonaro, que minimizou a gravidade da doença e questionou a segurança das vacinas, gerou desconfiança e hesitação por parte da população. Esse cenário levou à rejeição de informações científicas e ao aumento da visibilidade de narrativas baseadas em crenças e ideologias. Atualmente, o Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef, 2024) destacou que as *fake news* disseminadas nas redes sociais desmotivam a população a se vacinar, resultando na queda da vacinação e no retorno de doenças, pois facilitam a propagação de desinformação que confunde o público. Essa problemática não apenas dificultou o enfrentamento da pandemia, como também evidenciou a dificuldade da ciência em manter sua credibilidade como fonte confiável em um cenário de crise sanitária.

A problemática central deste estudo consistiu em compreender o impacto das *fake news* no processo de vacinação contra a covid-19 no Brasil. O objetivo geral da pesquisa foi analisar a influência exercida pelas *fake news* na vacinação contra a covid-19 no país. Especificamente, buscou-se verificar os meios informacionais mais utilizados, identificar os danos e ameaças da desinformação para os indivíduos e para a saúde pública, além de avaliar a confiabilidade ou hesitação na decisão de se vacinar.

Essa temática revela-se de extrema relevância no contexto atual, pois a desinformação sobre vacinas, especialmente durante a pandemia, afeta diretamente a saúde pública e a confiança nas instituições científicas. *Fake news* espalhadas nas redes sociais podem levar à rejeição das vacinas, prolongar crises sanitárias e comprometer o controle de doenças. Em um momento em que a vacinação é crucial para a prevenção e erradicação de enfermidades, compreender o impacto dessas notícias é essencial para proteger a saúde da população e reforçar a importância de uma comunicação científica precisa e responsável.

A escolha deste tema foi motivada pela experiência acadêmica e pelas circunstâncias vividas recentemente. O primeiro contato mais profundo com a questão ocorreu durante a disciplina de Metodologia da Pesquisa em Biblioteconomia e Ciência da Informação, na qual foi desenvolvido um projeto sobre *fake news* nas redes sociais. A partir desse momento, tornou-se perceptível como a desinformação está

inserida no cotidiano, muitas vezes de forma tão sutil que seu impacto nem sempre é evidente. Esse interesse foi intensificado durante a pandemia, um período de caos, isolamento social e estresse emocional, em que a disseminação de informações falsas sobre o vírus, medicamentos e vacinas era visível diariamente nas redes sociais. Essa experiência consolidou a escolha pelo tema, ao evidenciar a importância de estudar o impacto das *fake news* na sociedade e, principalmente, na saúde pública, contribuindo para uma compreensão mais profunda da desinformação.

Esta pesquisa é de caráter quantitativo e tem como objetivo analisar a influência das *fake news* na vacinação contra a covid-19 no Brasil, utilizando uma abordagem descritiva e o método *Survey*. Foram selecionados artigos científicos, teses, livros e dissertações a partir de bases de dados como Brapci e SciELO, além de sites oficiais e veículos de imprensa. Um questionário com perguntas fechadas foi aplicado nas redes sociais, resultando em 143 respostas. A técnica metodológica "bola de neve" foi utilizada para ampliar o alcance. Foram analisados a confiabilidade nas fontes de informação, a prática de checagem de fatos e o impacto das notícias falsas na tomada de decisão sobre a vacinação.

A partir do questionário aplicado e dos resultados obtidos, observa-se que tanto os indivíduos não vacinados quanto os vacinados obrigatoriamente apresentam semelhanças significativas em relação às fontes de informação e redes sociais utilizadas, à checagem da veracidade das informações e à confiança nas fontes oficiais de saúde pública. Os achados sugerem que a influência das *fake news* pode desempenhar um papel crucial na decisão de se vacinar, uma vez que muitos não confiam nas fontes oficiais e frequentemente recorrem a meios que propagam desinformação, sem verificar a autenticidade das notícias.

A primeira seção da monografia aborda o desenvolvimento da escrita e sua importância, destacando a invenção da imprensa de Gutenberg e seu papel no registro, acesso e disseminação de informações. Também discute a criação do computador e da internet, que transformaram a sociedade e a forma como as pessoas se relacionam. A segunda seção trata das *fake news*, sua predominância na era da informação e os impactos econômicos, políticos e sociais que causam, além de discutir meios de regulamentação para mitigar seus efeitos. A terceira seção foca nas vacinas durante a pandemia, abordando a disseminação de informações falsas, a

história da vacinação no Brasil e os desafios enfrentados pelo país no processo de imunização.

Assim, o estudo visou gerar contribuições significativas para a Biblioteconomia e para a sociedade em geral, promovendo o desenvolvimento de estratégias mais eficazes para capacitar os usuários a identificar e avaliar fontes confiáveis em meio à explosão de dados publicados diariamente. Além disso, deve fortalecer o debate público sobre questões relacionadas à desinformação, liberdade de expressão, responsabilidade dos meios de comunicação e o papel das instituições na divulgação de informações precisas e confiáveis

2 METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa com abordagem metodológica de caráter quantitativo que, segundo Rodrigues, Oliveira e Santos (2021), busca medir opiniões e informações por meio da coleta e quantificação de dados, utilizando recursos estatísticos como porcentagens e médias, apresentados em tabelas, gráficos ou textos. Este estudo também se caracteriza como descritivo, sendo realizado por meio de levantamento bibliográfico e utilizando o método *Survey*, que, de acordo com Fonseca (2002), é empregado para coletar dados ou informações sobre as características, ações ou opiniões de um grupo de indivíduos que representa uma população-alvo, por meio de um instrumento de pesquisa, como um questionário.

Foram selecionados 84 trabalhos científicos, incluindo artigos, livros, teses e dissertações, extraídos principalmente de bases de dados como Brapci, SciELO, Google Acadêmico, entre outros. Os principais termos de busca utilizados foram "desinformação", "*fake news*", "vacinas" e "pandemia", com foco em materiais publicados a partir de 2020, ano de início da pandemia. A pesquisa bibliográfica também envolveu a consulta a sites oficiais da OMS, Fiocruz, Butantan e OPAS, bem como a veículos de imprensa como CNN, Globo e Brasil de Fato. Esses materiais foram imprescindíveis para enriquecer o embasamento teórico e permitir uma compreensão mais profunda do assunto.

Além da revisão bibliográfica, foi realizado um *Survey* por meio de um questionário elaborado na plataforma *Google Forms*, composto por 13 perguntas fechadas. O questionário foi aplicado nas redes sociais mais populares, como *Facebook*, *WhatsApp*, *Instagram* e *Twitter* (mLabs, 2024). Ao todo, foram obtidas 143 respostas de usuários dessas redes, selecionados por utilizarem os principais meios de comunicação e busca de informações atualmente, além de frequentemente frequentarem ambientes de disseminação de *fake news*.

O questionário foi aplicado no dia 18 de janeiro de 2024 e ficou disponível por cinco dias aguardando respostas, com o intuito de obter uma visão detalhada sobre como a exposição a informações falsas influencia as atitudes e decisões dos usuários, particularmente em relação à vacinação. Uma das dificuldades encontradas foi a aplicação inicial do questionário, que continha algumas perguntas abertas, nas quais os participantes não justificaram as respostas ou não responderam. Em razão disso, foi necessária a alteração do questionário para que todas as perguntas fossem

fechadas. Outra dificuldade enfrentada foi a baixa taxa de respostas iniciais, o que tornou necessário aguardar mais dias para alcançar um número adequado e diversificado de respostas.

Para alcançar o maior número possível de participantes, foi utilizada a técnica metodológica "bola de neve", na qual o questionário foi inicialmente compartilhado com os contatos de *WhatsApp* e solicitado que esses contatos o compartilhassem. O mesmo procedimento foi realizado no *Instagram* e *Facebook*. Embora o *Twitter* não fosse uma rede social utilizada diretamente, amigos foram solicitados a compartilhar o questionário nessa plataforma para atingir uma variedade maior de pessoas e coletar respostas diversificadas.

As perguntas do questionário foram estruturadas para analisar o comportamento dos usuários frente ao excesso de informações recebidas diariamente, com foco na avaliação da confiabilidade nas fontes de informação e na prática de checagem de fatos. Além disso, foram incluídas questões sobre a tomada de decisão e a hesitação em relação à vacina contra a covid-19, investigando o papel das *fake news* nesse processo.

Esta metodologia, ao combinar pesquisa bibliográfica e aplicação do questionário, busca proporcionar uma compreensão mais ampla e profunda dos impactos da desinformação no comportamento da população brasileira durante a pandemia, especialmente no contexto da vacinação contra a covid-19, que foi desenvolvida para controlar o surto do vírus no Brasil e no mundo.

3 INFORMAÇÃO: os primórdios de uma nova era

A Era da Informação, também denominada como Era Digital ou Era Tecnológica, caracteriza-se como um período de criação, desenvolvimento e popularização de recursos tecnológicos que permitem o processamento de dados, informação e conhecimento. Esses avanços trazem impactos significativos em vários aspectos da vida humana, especialmente na comunicação. Esta nova era advém de mudanças ao longo da história, passando pelas Eras Agrícola e Industrial, resultando na Era da Informação. Dessa forma, é importante salientar os diversos fatores que contribuíram para o seu desenvolvimento: a criação da escrita e da imprensa, bem como o computador e a internet.

3.1 O desenvolvimento da escrita

Desde os tempos mais remotos, buscou-se meios de comunicação para expressar pensamentos, seja por gestos, expressões ou fala (Henrique; Weber, 2020). Antes da invenção da escrita, por volta de 20.000 a.C., as paredes das cavernas foram utilizadas para registrar desenhos de animais, cenas de caça e sinais. Essas representações eram feitas utilizando recursos naturais, como terra, sangue de animais e pigmentos.

Segundo Henrique e Weber (2020), a escrita surge quando há a expressão de pensamentos e sentimentos por meio de signos, que são compreendidos por outros indivíduos. Até os dias atuais, essas pinturas permanecem gravadas nas paredes das cavernas, permitindo que as gerações futuras entendam parte da história vivenciada pelo homem pré-histórico. Para os autores, é a partir desses registros que se inicia a evolução da escrita. Albuquerque e Moreira (2006) também abordam que a escrita surge da necessidade de padronizar a linguagem e compartilhar informações.

No entanto, a escrita de fato surgiu por volta de 4.000 a.C. (Souza; Santos Filho; Trinchão, 2015). Embora não haja uma data exata para sua invenção, esse desenvolvimento ocorreu lentamente ao longo da história. Valle e Pancetti (2009) argumentam que a invenção da escrita envolve diversos fatores em contextos específicos que contribuíram para seu desenvolvimento. Os autores afirmam que sistemas e métodos de registrar e armazenar informações já eram utilizados nas sociedades pré-históricas, principalmente na Mesopotâmia. A escrita começou

através da grafia de pictogramas, que são símbolos ou imagens que representam palavras ou ideias, gravadas em placas de barro na Mesopotâmia.

Ainda na Mesopotâmia, por volta de 3.000 a.C., os sumérios deram início à escrita cuneiforme, considerada o sistema de escrita mais antigo. Albuquerque e Moreira (2006) afirmam que esse povo, através desse método de escrita, registrava os períodos das cheias dos rios para antecipar a plantação e evitar enchentes. Já os egípcios adotaram uma técnica de escrita conhecida como hieróglifos, na qual gravavam suas ideias em pedras e em papiros, feitos a partir de tiras de plantas, onde cada figura correspondia a uma palavra. Henrique e Weber (2020) enfatizam que, com essa técnica, documentaram-se três mil anos de história e são considerados os primeiros a se preocupar com a transferência de conhecimento para seus sucessores.

Albuquerque e Moreira (2006) também afirmam que a produção da história começou quando houve o reconhecimento da necessidade de registrar conhecimentos. Além disso, Valle e Pancetti (2009) destacam que os egípcios tiveram um papel crucial na preservação e evolução da escrita cuneiforme. Ao longo do tempo, cada povo desenvolveu formas específicas de armazenar informações. Outro marco significativo foi a criação da primeira escrita alfabética, que surgiu na Fenícia por volta de 1.300 a.C., adquirindo a função de representar sons (Souza; Santos Filho; Trinchão, 2015).

Ainda segundo Souza, Santos Filho e Trinchão (2015), esse alfabeto influenciou outros povos, como os gregos em 800 a.C. Os romanos também criaram seu próprio alfabeto por volta de 700 a.C., baseado no grego, modificando o formato das letras e acrescentando outras. Esse desenvolvimento aperfeiçoou-se até chegar ao alfabeto utilizado atualmente, o qual foi baseado no alfabeto romano e é empregado na língua portuguesa (Henrique; Weber, 2020). Para Guerreiro (2014), a invenção do alfabeto foi o marco mais importante da humanidade, que deu início à revolução tecnológica.

O desenvolvimento da escrita, inicialmente baseado em símbolos e evoluindo para a forma alfabética, tornou-se um grande avanço que contribuiu para a criação de registros escritos mais avançados e para o progresso das civilizações. Para Guerreiro (2014), a partir da escrita, eventos, ideias, descobertas e invenções começaram a ser documentados, permitindo que as gerações futuras tivessem acesso a essa informação de forma mais clara e objetiva. É mencionado pelo autor que a sociedade

está em uma nova era de desenvolvimento e progresso, onde a história é registrada em arquivos, permitindo um conhecimento mais preciso sobre a vida, comunicação, pensamentos e sentimentos.

Guerreiro (2014) aponta que a escrita modificou a forma de viver e pensar dos indivíduos, facilitando o acesso à informação em larga escala. Assim, Henrique e Weber (2020) ainda destacam que o desenvolvimento da escrita aperfeiçoou a comunicação, aproximando grupos e sociedades, facilitando a troca de informações e a preservação da memória.

3.2 A criação da imprensa

A evolução da escrita contribuiu significativamente para o desenvolvimento de artifícios que registram, armazenam e compartilham informações. Ao contrário da escrita, que é registrada de forma objetiva e permanente, a comunicação oral pode ser distorcida quando transmitida de pessoa para pessoa (Melo, 2005). Ademais, Albuquerque e Moreira (2006) apontam a invenção da imprensa como a terceira revolução informacional, a qual visa à extração, transmissão e análise de informações.

Dessa forma, a imprensa surgiu no século XV na Europa (Guerreiro, 2014). Embora essa inovação tenha começado na China, foi Gutenberg quem inventou a prensa manual, que continha letras e caracteres de metal, iniciando a produção das primeiras impressões de documentos. Para Guerreiro (2014), a invenção da imprensa otimizou o acesso às informações escritas, aumentando o número de cópias, que antes eram limitadas a um ou dois exemplares, pois precisavam ser manualmente copiadas, além de reduzir o período de produção dos textos e o valor do livro. Guerreiro (2014) ainda afirma que o surgimento da escrita e da técnica de impressão provocou uma transformação significativa no estilo de vida e no pensamento das sociedades, tornando a informação cada vez mais acessível a um número crescente de pessoas.

Johannes Gutenberg nasceu na Alemanha em 1397, e sua família estava ligada à indústria metalúrgica. Em 1450, ele desenvolveu e aperfeiçoou um sistema de impressão, com o qual produziu a primeira bíblia traduzida em latim, considerada o primeiro incunábulo e livro moderno (Guerreiro, 2014). Assim, a crescente impressão de obras deu destaque à imprensa, permitindo que diversos filósofos, intelectuais, poetas e artistas se expressassem e compartilhassem suas ideias na sociedade (Melo, 2005). Além disso, Henrique e Weber (2020) argumentam que a

imprensa possibilitou o desenvolvimento dos mais variados tipos de textos impressos em grande quantidade.

Para Melo (2005), essa popularidade permitiu o aumento na produção de livros e facilitou o acesso de diversas pessoas no mundo a todos esses conteúdos, trazendo impactos expressivos na política, religião e arte. Sendo assim, após a invenção de Gutenberg, mais livros foram produzidos do que nos mil anos anteriores (Guerreiro, 2014). Chartier (2002) também menciona em seus ensaios sobre o desenvolvimento da escrita que a invenção da imprensa é a principal técnica para reproduzir escritos e produzir livros.

Entretanto, não foi apenas o lado científico e artístico que teve espaço nesse sistema de impressão. Logo após essa popularidade, surgiram as primeiras impressões que abordavam conteúdos sobre o mundo e a sociedade (Melo, 2005). Segundo Guerreiro (2014), a invenção da imprensa otimizou a reprodução de livros e documentos, resultando na produção de jornais e revistas, o que aumentou o número de leitores. Para Moraes e Kohn (2007), a imprensa, além de contribuir para o hábito de leitura, também intensificou a busca por informações.

Melo (2005) afirma que essa produção resultou em gazetas, pasquins e libelos, que tratavam de notícias atuais, sensacionalistas e opiniões. Para o autor, em consequência desses impressos no século XVII, surgiu o jornalismo, que inicialmente abordava conteúdos literários e culturais, mas ao longo da trajetória passou a tratar de temáticas políticas e sociais, desenvolvendo um novo espaço para debate, no qual o público tinha interesse em compreender e participar das decisões políticas, além de ganhar força e visibilidade para questionar as ações das autoridades.

Dessa maneira, o governo precisava prestar contas à opinião pública, um passo importante na direção da democracia e da transparência governamental (Melo, 2005). Guerreiro (2014) argumenta que a imprensa atua como um espelho das tendências e valores da sociedade, dependendo das políticas editoriais que direcionam os públicos e o que é noticiado. No entanto, a invenção da imprensa tornou as notícias disponíveis em grande escala, substituindo os mensageiros que costumavam transmitir notícias oralmente ponto a ponto.

3.3 Invenção do computador

O computador, como é conhecido atualmente, passou por várias mudanças ao longo do tempo. Inicialmente, foi criado a partir do aprimoramento do ábaco chinês

e, em seguida, da máquina de calcular, até chegar ao computador atual. Todavia, o avanço significativo para o desenvolvimento do computador foi realizado por John Neumann e Goldstine em 1944, que idealizaram os programas dentro da máquina. Com a contribuição da evolução da eletrônica, isso permitiu a criação do ENIAC – *Electronic Numerical Integrator and Computer*. O ENIAC foi criado durante a Segunda Guerra Mundial devido à necessidade de realizar cálculos balísticos. A máquina pesava aproximadamente 30 toneladas, utilizava 18.000 válvulas e tinha a capacidade de realizar 500 multiplicações e 5.000 adições por segundo (Albuquerque; Moreira, 2006).

Criado primordialmente por interesses militares, o ENIAC contribuiu para o aperfeiçoamento da microeletrônica, resultando no avanço do microprocessador, que otimizou a velocidade do processamento de dados. Logo após a Segunda Guerra Mundial, em 1947, foi criado o EDVAC, o primeiro computador que suportava o armazenamento de um programa (Albuquerque; Moreira, 2006). Ao longo do tempo, foram desenvolvidos computadores com memória interna, sendo as primeiras máquinas a permitir a redução do tempo de acesso aos dados. Esse fator desencadeou a diminuição dos preços e a comercialização em grande escala (Albuquerque; Moreira, 2006). Lévy (1999) define o computador como uma ferramenta capaz de otimizar e influenciar o modo de viver e pensar do indivíduo. Na década de 1960, surgiram sistemas de computadores cada vez mais avançados, aumentando a velocidade do processamento e da memória.

Queiroz (2005) destaca que o computador traz a mudança da página para a tela, tornando-se um livro por sua capacidade de transmitir conhecimentos. Em 1971, foi criado o primeiro microcomputador, que se desenvolveu até a chegada dos computadores portáteis (Guerreiro, 2014). Assim, várias invenções contribuíram para o surgimento do computador, que revolucionou o processamento de dados. Desde a década de 1970 até os dias atuais, ele tem sido constantemente aperfeiçoado, tornando-se cada vez mais popular, com grande capacidade de processamento e variados tamanhos. Kohn e Moraes (2007) também discutem o desenvolvimento dos computadores, que ganham funções diferenciadas a cada dia e, ao mesmo tempo, tornam-se mais leves e acessíveis, integrando-se à rotina diária. Guerreiro (2014) traz uma reflexão ao afirmar que o computador se torna um “modo de vida”, apontando o poder de influência em nossa compreensão de nós mesmos.

3.4 Surgimento da Internet

Logo após a criação do computador, em 1960, surge a Internet nos Estados Unidos, sendo desenvolvida pelos militares durante a Guerra Fria e trazendo contribuições tecnológicas durante a disputa política. Inicialmente denominada “*Arpanet*” e utilizada como um sistema de comunicação para proteger informações sigilosas, essa ferramenta permitia o compartilhamento de dados sem perdas, tornando-se uma rede de apoio para a defesa contra um possível ataque da União Soviética aos Estados Unidos (Jamil; Neves, 2000).

Após a guerra, essa ferramenta foi disponibilizada ao público por volta de 1971, sendo utilizada primeiramente por acadêmicos e professores das universidades. O sistema permitia a troca de mensagens por meio do e-mail e a transferência de arquivos, passando a ser denominado “Internet” (Guerreiro, 2014). Esse sistema funcionava entre computadores, organizando as informações por temas e áreas, além de endereços de destinatários e acesso às mensagens.

A partir da Internet, Lévy (1999) discute o papel do computador, afirmando que a máquina não é mais o centro do sistema, mas um “nó”; ou seja, a capacidade de armazenamento e processamento não está mais restrita a um único computador, mas está disponível em toda a rede, graças à Internet, que permite o compartilhamento de informações entre computadores. Isso fortalece a ideia de Jamil e Neves (2000) de que a Internet é uma forma de conectar computadores e compartilhar informações. Lévy (1999), em seu livro *Cibercultura*, aborda os impactos da tecnologia na sociedade e na cultura, destacando que a Internet gera novos hábitos e cria um ambiente onde a informação se propaga de maneira ágil e não linear. Ele também afirma que as tecnologias digitais surgem como a estrutura do ciberespaço, um novo ambiente para comunicação, interação social, organização e transações, além de um mercado de informação e conhecimento.

Assim, os Estados Unidos iniciaram a Internet, que se tornou a maior rede de comunicação mundial, constituindo a Internet conhecida atualmente (Guerreiro, 2014). Além disso, Melo (2005) aponta que essa ferramenta possibilita que indivíduos de baixa renda tenham acesso ao aprendizado formal e informal, dependendo do governo para disponibilizar equipamentos e oferecer sites confiáveis de informação. Jamil e Neves (2000) enfatizam que a Internet se tornou um dos principais meios de criar, distribuir e armazenar informações para diversos fins, caracterizando-se por sua diversidade, funcionamento simples, desregulamentação e baixo custo.

Guerreiro (2014) argumenta que a Internet é uma rede global de comunicação que proporciona a indivíduos, organizações e governos a conexão entre si e a várias redes em todo o mundo, utilizando a tecnologia; essa conectividade torna os usuários parte de um mundo global interconectado.

3.5 Algumas considerações sobre a Era da Informação

De acordo com Levy (1999), as mudanças tecnológicas transformaram rapidamente a sociedade, acarretando novas práticas e ocupações, além de modificar a forma de pensar, agir e se relacionar dos indivíduos. Kohn e Moraes (2007, p. 1) destacam que "As transformações sociais estão diretamente ligadas às transformações tecnológicas, das quais a sociedade se apropria para se desenvolver e se manter." Para os autores, vivencia-se uma época marcada pela tecnologia, que valoriza expressivamente o conhecimento e a informação, considerados os principais fatores determinantes da riqueza e do poder dos países.

Sendov (1994) aponta que o conceito de "informação" é amplo e interdisciplinar, podendo ter vários significados dependendo da área ou do contexto em que é utilizado, associando-se basicamente a dados, conhecimento ou mensagens que podem ser armazenados, processados e comunicados de diversas formas. No entanto, Kohn e Moraes (2007) destacam que toda informação possui consciência, propósito e objetivo ao ser transmitida do emissor para o receptor.

Essa época é conhecida como a Era da Informação, na qual a informação se torna imprescindível devido ao seu poder de transformação, e a tecnologia está diretamente relacionada a ela, sendo o principal meio de transporte (Rodrigues; Costa, 2016). Castells (1999) denomina essa transformação de "Sociedade em Rede", cuja principal característica é a influência dos meios tecnológicos sobre os indivíduos. Todavia, Sendov (1994) argumenta que a informação sempre foi fundamental até nas eras anteriores, mas, nessa nova era, a necessidade de informação é tão essencial para o desenvolvimento do indivíduo quanto alimento e água.

Rodrigues e Costa (2016) enfatizam que as tecnologias de informação e comunicação são as principais ferramentas da era da informação. Essa nova era, caracterizada pela valorização da informação, permite interações com a tecnologia, principalmente com o computador, que possibilita acesso à informação, trabalho e comunicação. A Internet desempenha um papel crucial ao oferecer variadas formas de experiência social, sendo utilizada diariamente e adaptando-se às necessidades

econômicas, políticas, educacionais e sociais. Os autores ainda afirmam que vivemos uma era de redes interconectadas, em que os meios tecnológicos são os principais veículos para compartilhar informações e se comunicar, e a Internet abrange uma vasta quantidade de informações virtuais, com números e pontos de conexão que permitem a experiência de uma sociedade em rede.

Kohn e Moraes (2007) reforçam que, na sociedade atual, a informação é o principal meio que sustenta o conhecimento, as interações sociais, econômicas e políticas. Assim, observa-se que vivemos uma era em que a informação é supervalorizada, tornando-se o pilar principal das esferas sociais, políticas e econômicas, definindo a potência de um país ou organização, uma vez que estar informado e ter acesso à informação influencia significativamente.

Rodrigues e Costa (2016) apontam que, nessa nova era, os meios tecnológicos tornaram-se essenciais para a vida em sociedade. Eles destacam o computador e a Internet como principais influenciadores na transformação da vida cotidiana, e essas mudanças impactaram a economia, política, educação e cultura, principalmente por meio das redes sociais. Os autores também ressaltam que, desde os primórdios, com a invenção do fogo, até as tecnologias contemporâneas, os seres humanos utilizam meios tecnológicos que foram aprimorados ao longo do tempo para se organizar na sociedade, resultando em mudanças significativas na história da humanidade.

Atualmente, diversos meios são utilizados para armazenar e compartilhar informações, como computadores, smartphones, Internet, redes sociais, entre outros. Essas ferramentas tornaram-se indispensáveis para a busca e transmissão de informações, além de exercerem grande influência na comunicação e interação dos indivíduos na sociedade. A informação, por sua vez, desempenha um papel crucial na maioria dos aspectos que envolvem a tomada de decisões do homem moderno (Silva; Carvalho, 2009).

Rodrigues e Costa (2016) argumentam ainda sobre as mudanças trazidas pelas redes sociais na forma como os indivíduos se relacionam, permitindo novas interações e contando com um grande número de usuários, especialmente entre os jovens, que passam mais tempo conectados. Essas redes possibilitam a troca de informações e a construção de relacionamentos, além de serem uma ferramenta poderosa que, de acordo com Castells (1999), são autônomas e operam

independentemente de instituições governamentais ou corporativas, permitindo o compartilhamento rápido de informações e opiniões.

No entanto, Jamil e Neves (2000) alertam que esse contexto informacional, no qual é possível acessar notícias, imagens, vídeos e depoimentos a partir de uma simples conexão à Internet, traz grandes desafios na busca por informações de qualidade. Lévy (1999) menciona o "dilúvio de informações", referindo-se à grande quantidade de informações publicadas online diariamente, o que conseqüentemente cria desordem, apresentando o desafio de selecionar as informações adequadas. Além disso, em meio a essa abundância de informações, surgem as *fake news*, que, segundo Foster *et al.* (2021), são impulsionadas por tecnologias e associadas a fatores políticos, econômicos e sociais, gerando impactos significativos que ameaçam as democracias.

4 FAKE NEWS NA ERA DA INFORMAÇÃO E SUA INFLUÊNCIA NA DESINFORMAÇÃO DA SOCIEDADE

Segundo Levy (1999), as mudanças tecnológicas transformaram rapidamente a sociedade, acarretando novas práticas e ocupações, além de modificar a forma de pensar, agir e se relacionar dos indivíduos. Kohn e Moraes (2007, p. 1) afirmam que “As transformações sociais estão diretamente ligadas às transformações tecnológicas, das quais a sociedade se apropria para se desenvolver e se manter.” Para os autores, atualmente, vivencia-se um período marcado pela tecnologia, na qual o conhecimento e a informação são amplamente valorizados, sendo considerados fatores fundamentais que determinam a riqueza e o poder das nações.

De acordo com Sendov (1994), a palavra “informação” tem um conceito amplo e interdisciplinar, podendo assumir diferentes significados, dependendo do contexto em que é aplicada, geralmente associada a dados, conhecimento ou mensagens, os quais podem ser armazenados, processados e comunicados de diversas maneiras. Entretanto, para Kohn e Moraes (2007), toda informação possui intencionalidade, propósito e objetivo ao ser transmitida do emissor para o receptor.

Na Era da Informação, a informação exerce papel transformador, com a tecnologia atuando como principal meio de disseminação. Castells (1999) denomina essa transformação de “Sociedade em Rede”, sendo a informação a característica central, e os indivíduos diretamente influenciados pelos avanços tecnológicos. Embora Sendov (1994) ressalte que a informação sempre foi essencial em períodos anteriores, nesta nova era, a necessidade de informação torna-se tão fundamental para o desenvolvimento humano quanto o alimento e a água.

Rodrigues e Costa (2016) apontam as tecnologias da informação e comunicação como ferramentas centrais dessa era, proporcionando interações tecnológicas, especialmente por meio dos computadores, que facilitam o acesso à informação, ao trabalho e à comunicação. A Internet, desempenhando um papel crucial, oferece variadas formas de interação social e adapta-se às demandas econômicas, políticas, educacionais e sociais. Os autores destacam que vivemos em uma era de redes interconectadas, em que a tecnologia é o principal meio de compartilhamento de informações e de comunicação, sendo a Internet responsável por abranger vastos volumes de dados virtuais, conectando indivíduos ao redor do mundo.

Além disso, Kohn e Moraes (2007) enfatizam que, na sociedade contemporânea, a informação é a base do conhecimento e das interações sociais, econômicas e políticas. Assim, observa-se que a supervalorização da informação a transforma em um dos pilares das esferas sociais, políticas e econômicas, determinando a potência de um país ou organização, visto que o acesso e o controle da informação influenciam diretamente.

Para Rodrigues e Costa (2016), os meios tecnológicos tornaram-se indispensáveis para a vida em sociedade, com o computador e a Internet sendo os principais responsáveis pelas mudanças na vida cotidiana. Essas transformações impactam a economia, a política, a educação e a cultura, principalmente através das redes sociais. Os autores também destacam que, desde a descoberta do fogo até as tecnologias contemporâneas, os seres humanos sempre aprimoraram os meios tecnológicos para se organizarem em sociedade, resultando em transformações significativas ao longo da história.

Atualmente, diversos dispositivos, como computadores, smartphones e redes sociais, são utilizados para armazenar e compartilhar informações. Essas ferramentas desempenham um papel essencial na busca e disseminação de dados, influenciando diretamente a comunicação e interação entre os indivíduos. A informação, portanto, assume um papel central na tomada de decisões em diversos aspectos da vida moderna (Silva; Carvalho, 2009).

Rodrigues e Costa (2016) destacam ainda que as redes sociais transformaram as formas de interação, permitindo novas maneiras de relacionamento e contando com um grande número de usuários, sobretudo jovens, que passam mais tempo conectados. Essas plataformas facilitam a troca de informações e a criação de relacionamentos, constituindo uma ferramenta poderosa que, segundo Castells (1999), atua de maneira autônoma, independente de instituições governamentais ou corporativas, permitindo a disseminação rápida de informações e opiniões.

No entanto, Jamil e Neves (2000) apontam que esse cenário informacional, no qual é possível acessar notícias, imagens, vídeos e depoimentos por meio de uma simples conexão à Internet, apresenta grandes desafios na busca por informações de qualidade. Lévy (1999) menciona o "dilúvio de informações", referindo-se à enorme quantidade de dados publicada diariamente, o que gera desordem e exige maior seletividade. Além disso, em meio a essa quantidade de informações, surgem as *fake*

news, que, de acordo com Foster *et al.* (2021), são impulsionadas pelas tecnologias e associadas a fatores políticos, econômicos e sociais, acarretando graves impactos que ameaçam as democracias. Como afirmam Alves e Maciel (2020, p. 153):

O fenômeno contemporâneo das *fake news* é mais amplo e, mais do que algo que envolve ações necessariamente insinceras e manipuladoras, pode ser compreendido de maneira mais adequada como algo que envolve desinformações produzidas em contexto de embate e disputa ideológica. Via de regra, as *fake news* encontram seu motor não no desejo de negar a verdade, mas sim na vontade de vencer a disputa a qualquer preço, mesmo que para isso seja preciso falsear a realidade. As pessoas deixam de e perguntar se a notícia é verdadeira ou falsa. Estão ainda menos preocupadas se os fatos estão bem assentados ou se a fonte é confiável. A única coisa que importa é se a notícia favorece a sua posição em um contexto polarizado. Assim, produzimos e fazemos circular informações de maneira entrincheirada, usando notícias e manchetes como armas no meio do campo de batalha.

As *fake news* não se limitam a notícias compartilhadas sem sentido, pois são produzidas com o intuito de distorcer a imagem de um indivíduo, organização ou partido político, tornando-se uma "arma" poderosa para influenciar o rumo de eventos, ainda que seja necessário recorrer à desonestidade e manipulação para alcançar poder. Essas notícias falsas ganharam maior notoriedade em 2016, durante as eleições nos Estados Unidos da América e o processo de saída do Reino Unido da União Europeia (Alves; Maciel, 2020). As eleições foram marcadas pela disseminação de *fake news* nas mídias sociais, favorecendo a vitória do candidato Donald Trump. De forma semelhante, o processo de saída do Reino Unido da União Europeia também foi intensamente afetado por notícias falsas, dificultando e retardando o processo (Ferreira; Lima; Souza, 2021).

Barbosa e Servidoni (2021) ressaltam os problemas significativos causados pelas *fake news* na sociedade, ao influenciar negativamente a tomada de decisões democráticas e prejudicar indivíduos ou grupos. Falcão e Souza (2021) acrescentam que a era da "pós-verdade" compromete a liberdade de expressão, uma vez que, sem acesso a informações adequadas, a autonomia para expressar ideias e opiniões é impactada, violando um direito protegido pela Constituição Federal de 1988. Assim, informação e liberdade de expressão estão intrinsecamente ligadas e são essenciais para a manutenção de uma sociedade democrática.

Wardle (2020) aponta que, apesar de a tecnologia possibilitar um acesso mais ágil à informação, vivencia-se uma era de distúrbios informacionais, em que o conteúdo está poluído e se torna perigoso. A autora ainda observa que o termo "*fake news*" não abrange totalmente a complexidade do problema, pois muitas dessas

informações não são inteiramente falsas, mas frequentemente manipuladas para serem aceitas. Muitas vezes, não se tratam de notícias propriamente ditas, mas de rumores, memes, vídeos e fotos manipuladas, entre outros formatos. Wardle (2020) enfatiza, então, os diferentes tipos de *fake news* e os desafios enfrentados pela informação no cenário contemporâneo.

4.1 Tipos de *fake news*

Wardle (2020), em artigo publicado na *First Draft* em 2017, aborda a desinformação e identifica sete tipos de *fake news*, organizados em três categorias de transtornos da informação¹: desinformação, mesinformação e malinformação. Segundo a autora, a desinformação é definida como uma informação criada com a intenção de causar danos, sendo frequentemente motivada por objetivos como obtenção de lucro ou engajamento político. Já a mesinformação refere-se a uma notícia falsa compartilhada sem a intenção de prejudicar; ocorre quando o indivíduo não verifica a veracidade da informação, ou seja, não percebe que é falsa, o que está relacionado a fatores sociopsicológicos. Wardle (2020) também menciona que esses indivíduos buscam sentir-se conectados aos grupos com os quais se identificam, o que influencia o compartilhamento de informações, independentemente de sua veracidade.

Por outro lado, a malinformação envolve informações divulgadas com o propósito real de prejudicar a imagem de alguém. Wardle (2020, p. 11) ressalta: "Grande parte do conteúdo que estamos vendo se enquadra nessa categoria de malinformação". A autora ainda descreve os tipos de notícias falsas, organizando-os conforme o nível de dano que podem causar, do menos ao mais grave. São eles:

Tabela 1 - Tipos de *fake news*

Baixo Dano	Alto Dano
Conteúdo Enganoso	Conteúdo Fabricado
Conexão Falsa	Conteúdo Manipulado
Sátira ou Paródia	Conteúdo Impostor
	Contexto Falso

Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

¹ Transtornos da informação é descrito por Wardle (2020) como algo complexo e apresentado como poluição de informações de baixo nível, títulos de armadilha de cliques, legendas desleixadas ou sátiras que enganam, mas algumas são sofisticadas e enganam profundamente.

A sátira ou paródia não têm a intenção de causar prejuízos, mas possuem o potencial de enganar, pois a informação pode ser distorcida da realidade (Wardle, 2020). Dependendo do nível de compartilhamento, pode adquirir outro significado e transformar-se em desinformação; um exemplo comum são os memes (Heller; Jacobi; Borges, 2020). O Dicionário *Online* de Português (c2009) define meme como “Imagem, vídeo, frase, expressão, parte de um texto etc., copiada e compartilhada rapidamente e através da Internet, por um grande número de pessoas, geralmente com um teor satírico, humorístico ou para zoar uma situação ou pessoa.”

A conexão falsa ocorre quando o título, imagem ou legenda não correspondem ao conteúdo publicado, sendo utilizada com o objetivo de gerar cliques (Wardle, 2020). Heller, Jacobi e Borges (2020) destacam que esse tipo de notícia é utilizado para enganar o leitor. Já o conteúdo enganoso manipula informações de modo a alterar a percepção de um indivíduo ou acontecimento (Wardle, 2020). Um exemplo claro são as manchetes tendenciosas, utilizadas como estratégia para chamar a atenção (Heller; Jacobi; Borges, 2020). Esses três tipos de *fake news* são considerados por Wardle (2020) como os que causam menor dano aos indivíduos e à sociedade.

O contexto falso refere-se a informações verdadeiras compartilhadas fora de contexto (Wardle, 2020). Heller, Jacobi e Borges (2020) mencionam as "*junk news*" como exemplo, distorcendo o real motivo de uma notícia ou acontecimento. O conteúdo impostor é caracterizado pela apropriação de marcas de agências confiáveis para promover notícias falsas, como no caso de artigos científicos plagiados. Para Wardle (2020), o conteúdo manipulado refere-se a informações ou imagens verdadeiras que são distorcidas com o objetivo de enganar. Um exemplo disso são as "*deepfakes*", produzidas por inteligência artificial para mostrar pessoas fazendo ou dizendo algo que nunca aconteceu (Heller; Jacobi; Borges, 2020).

Por fim, o conteúdo fabricado trata-se de uma informação nova e completamente falsa, criada com o intuito de enganar e causar danos. Esses tipos de *fake news* são para Wardle (2020) considerados os mais graves, gerando impactos significativos tanto para o indivíduo quanto para a sociedade. Heller, Jacobi e Borges (2020) salientam que esses tipos de desinformação não são recentes, já foram amplamente estudados e defendem que o combate a essas notícias deve abranger

todos esses tipos, desde a identificação até a análise de suas particularidades, visando enfrentá-las de forma eficaz.

4.2 Propagação das *fake news*

A partir da criação da prensa de Gutenberg, por volta de 1447, deu-se início à circulação de jornais, o que conseqüentemente introduziu conteúdos que incluíam opiniões, sensacionalismo e até mesmo notícias falsas. Com o passar do tempo, os meios de comunicação foram se transformando até a invenção da internet, que trouxe a disseminação de notícias *online* e o surgimento das redes sociais (Serra, 2018). Esses meios passaram a ser utilizados para a difusão em massa de informações, precisas ou não. Como afirmam Foster *et al.* (2021, p.3)

No domínio tecnológico, a internet, as redes sociais e os aplicativos de mensagens revolucionaram as formas pelas quais materiais falsos ou maliciosos podem se disseminar. Conteúdos podem ser replicados, sem intermediários, com rapidez em grande volume e até mesmo de forma anônima. As baixas barreiras para a produção e compartilhamento e informações e a capilaridade dos recursos de tecnologia da informação fizeram do ambiente digital o centro da arena política na contemporaneidade.

Nesse contexto, caracterizado por Wardle (2020) como desordem informacional, emergem, em meio à vasta quantidade de informações, as *fake news*. Serra (2018) observa que essas notícias são compartilhadas nas redes sociais por usuários, jornalistas, grupos que tentam manipular a opinião pública e por meio da disseminação de notícias falsas através de *bots*, *cyborgs* e *bots políticos*. Além disso, Foster *et al.* (2021) destacam que a desinformação pode ser patrocinada por indivíduos com interesses específicos, como governos, empresas, partidos e políticos.

Serra (2018) define *bots* como robôs que se passam por usuários de redes sociais, programados para compartilhar conteúdos, incluindo *fake news*. O autor ainda menciona o caso da saída do Reino Unido da União Europeia, onde aproximadamente treze mil robôs foram identificados no *Twitter* compartilhando notícias a favor ou contra. Já os *cyborgs* são robôs que operam com a ajuda de um ser humano, dificultando sua detecção. Por sua vez, os *bots* políticos são pessoas reais que concedem autonomia para que páginas de campanhas ou candidatos utilizem seus perfis para disseminar informações, especialmente nas redes sociais. Como afirmam Neves e Borges (2020, p. 12):

Com o uso em larga escala de *bots* conectados em redes sociais compartilhando conteúdo numa velocidade humanamente impossível de ser avaliada, é possível posicionar fatos irrelevantes entre os assuntos mais comentados, mesmo que muito deles sejam verdadeiros. Vale salientar que

a automação de interatividade é uma ferramenta poderosa para humanizar canais de comunicação, mas, quando usada indiscriminadamente, se torna uma prática condenável. Essa automação de interatividade se alimenta de dados disponíveis na sua rede e reproduz novos dados a partir da maneira como foi programada. Tais dados podem ser facilmente descontextualizados por pessoas ou grupos mal intencionados ou mesmo por empresas mineradoras de dados.

Dessa forma, as redes sociais tornam-se o principal canal de disseminação dessas notícias, considerando que “A circulação de informações falsas ou maliciosas depende, em grande medida, das redes sociais, de modo que produtores desse tipo de material costumam ter presença coordenada em diversas plataformas” (Foster *et al.*, 2021, p. 9). Os autores também destacam que essas redes são amplamente utilizadas para a busca de informações. Entretanto, segundo Barboza e Servidoni (2021), as redes sociais mais frequentemente associadas à disseminação de *fake news* são *Twitter*, *Facebook* e *WhatsApp*.

Lévy (1999) define o ciberespaço como um ambiente que se tornou uma ferramenta na qual as pessoas interagem e compartilham informações de maneira abrangente, permitindo debates políticos e discussões em tempo real, diferenciando-se dos meios de comunicação tradicionais. Assim, é evidente a relevância das redes sociais como instrumento para a obtenção de informações e a expressão de ideias, ideologias e posicionamentos. No entanto, quando utilizadas de maneira mal-intencionada, essas plataformas podem causar impactos significativos na vida das pessoas e prejuízos à sociedade.

Além das redes sociais, *blogs* e *sites* também atuam como disseminadores de notícias falsas. Foster *et al.* (2021) destacam três estratégias empregadas por esses meios: a primeira é o uso de *links* patrocinados, comuns em muitos *sites* e *blogs*, inclusive aqueles que compartilham *fake news*, gerando lucro com os cliques em anúncios. A segunda estratégia é o direcionamento de leitores, por meio de notícias falsas, para o *YouTube*, visando lucros com as visualizações. A terceira envolve o patrocínio direto a esses *sites* e *blogs* que publicam *fake news*, em que os produtores são pagos por interessados, muitas vezes disfarçados de patrocínios.

Portanto, além de gerarem lucro por meio da desinformação, empresas, políticos e indivíduos que financiam e utilizam notícias falsas também se beneficiam para atingir seus objetivos. A disseminação massiva de *fake news* em diversas plataformas online gera impactos muitas vezes irreparáveis na vida de milhares de

peças, desestabilizando a sociedade contemporânea e influenciando as decisões e posicionamentos dos indivíduos.

4.3 Impactos das *fake news* na sociedade

Conforme abordado na seção anterior, torna-se evidente o número de artifícios utilizados para disseminar notícias falsas. Essas informações circulam frequentemente nas mídias sociais como se fossem verdadeiras, gerando engano, manipulação e prejudicando diversos setores da sociedade, além de representar uma ameaça à tomada de decisões democráticas. De acordo com Foster *et al.* (2021, p. 4), “Os impactos desse circuito de conteúdos falsos e maliciosos já são amplamente documentados: danos à saúde pública, violência étnico-política e perturbação de processos eleitorais”. Martins (2021) destaca que notícias falsas são disseminadas com mais rapidez e obtêm maior visibilidade do que as notícias verdadeiras, e que, no contexto político, essa disseminação ocorre três vezes mais rápido. O autor atribui esse fenômeno ao papel crucial desempenhado pelos robôs na propagação dessas informações. Martins (2021, p. 1196) ainda afirma:

Conforme os estudos realizados pela Universidade de Oxford (2018), ficou constatado que grande parte da navegação da internet é feita por robôs (ou seja, *bots*), são programas que agem como humanos na internet com ações repetidas para atacar uma personalidade pública importante para espalhar boatos e entre outras finalidades para propagar modismos e tendências ideológicas a ser seguida.

A criação da Internet e, conseqüentemente, das redes sociais trouxe novas dimensões à publicidade e ao uso de informações com diferentes interesses políticos, sociais e econômicos. Nesse cenário, políticos frequentemente utilizam essas ferramentas para obter visibilidade em suas campanhas, muitas vezes distorcendo a imagem de seus concorrentes e empregando *fake news* como “armas políticas” (Wunsch; Ferreira, 2021). As *fake news* se disseminam rapidamente na internet, fenômeno conhecido como “viralização”, principalmente devido ao fato de muitos usuários não verificarem a veracidade das informações recebidas, tornando as redes sociais um ambiente propício à propagação de notícias falsas. Com afirmam Foster *et al.* (2021, p. 13):

O impacto negativo das redes sociais, quando se considera o fenômeno da desinformação atualmente, é uma consequência também da velocidade da propagação de mensagens em ambiente digital. A presença simultânea de emissores e receptores de informação possível em muitas plataformas permite uma comunicação instantânea mesmo à distância. Um conteúdo pode alcançar, assim, quase que imediatamente um número amplo de

receptores. Esse é um dos fatores mais importante na dimensão assumida pela desinformação na era pré-internet. Essa propagação acelerada da desinformação faz ainda com que a reversão de seus efeitos nem sempre seja eficiente.

Durante as eleições brasileiras de 2018, estudos identificaram que aproximadamente 2% dos usuários mais ativos no *Twitter* estavam utilizando *bots* ou sistemas programados para publicar informações e influenciar outros usuários (Wunsch; Ferreira, 2021). Entre as inúmeras *fake news* disseminadas naquele período, destacou-se a alegação de um suposto “*kit gay*” para crianças de seis anos, mencionada pelo candidato Jair Bolsonaro no Jornal Nacional. Posteriormente, o Tribunal Superior Eleitoral confirmou a falsidade da notícia (Brasil de Fato, 2018). Da mesma forma, a campanha do candidato Fernando Haddad foi multada por promover informações negativas contra Bolsonaro nas redes sociais, resultando em uma multa de R\$ 176,5 mil, determinada pelo ministro Fachin, que considerou que o partido pagou o Google para destacar essas informações negativas (G1, 2019).

Fora do contexto político, as *fake news* também afetam a vida de cidadãos individualmente. Na Índia, em 2018, o *WhatsApp* limitou o encaminhamento de mensagens para tentar reduzir a disseminação de notícias falsas no aplicativo. Isso ocorreu após várias pessoas inocentes serem linchadas e até mesmo mortas devido às informações falsas sobre sequestro de crianças espalhadas pelo *WhatsApp*, que levaram ao espancamento dessas vítimas nas ruas (BBC, 2018). Além disso, as notícias falsas também geram frustrações a indivíduos. Em bairros periféricos, têm circulado *fake news* nas redes sociais, com informações equivocadas sobre o aumento do auxílio emergencial e auxílio gás, além do acesso a cestas básicas. Essas informações têm causado prejuízos às famílias dessas áreas, que enfrentam dificuldades para se sustentar (Brasil de Fato, 2021).

Além disso, essas notícias também provocam consequências negativas para a saúde pública. No Brasil, a queda nas taxas de vacinação resultou no reaparecimento de doenças antes erradicadas, devido à desinformação e manipulação sobre vacinas (Butantan, 2022). Wunsch e Ferreira (2021) ressaltam ainda que, durante a pandemia da covid-19, inúmeras *fake news* foram disseminadas nas redes sociais, incluindo receitas milagrosas e medicações sem comprovação científica de eficácia. Fica claro, portanto, que as *fake news* podem causar danos significativos à vida dos indivíduos e à sociedade em geral, colocando em risco a saúde pública e a tomada de decisões democráticas.

4.4 Regulamentação e desafios

Segundo Luciano e Camurça (2018, p. 2), “Um dos maiores desafios no combate às *fake news* é assegurar que qualquer medida para coibir sua divulgação não afete a liberdade de expressão”. Diante dos fatos já mencionados nos tópicos anteriores, é evidente o prejuízo que as notícias falsas causam aos indivíduos e à sociedade em geral. Assim, essa problemática tem ganhado destaque entre órgãos e países, com o objetivo de mitigar a disseminação dessas informações e, conseqüentemente, seus impactos negativos. No entanto, é necessário um cuidado rigoroso para que não se viole o direito do cidadão de se expressar livremente. No Brasil, esse direito é garantido pela Constituição Federal de 1988, que afirma:

Art. 5º Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes:

[...]

IV – é livre a manifestação do pensamento, sendo vedado o anonimato;

IX – é livre a expressão da atividade intelectual, artística, científica e de comunicação, independente de censura ou licença;

XIV – é assegurado a todos o acesso à informação e resguardado o sigilo da fonte, quando necessário ao exercício profissional (Brasil, 1988).

Além disso, para Marmelstein (2013 apud Luciano; Camurça, 2018), a liberdade de expressão é uma ferramenta imprescindível para a democracia, pois permite que todos os indivíduos, independentemente de sua origem ou classe social, manifestem sua opinião e se expressem da forma que acharem melhor. Todavia, quando essa liberdade é utilizada com o intuito de ofender e ferir outros direitos, o inciso V da Constituição Federal afirma que “É assegurado o direito de resposta, proporcional ao agravo, além da indenização por dano material, moral ou à imagem.” (Brasil, 1988).

Contudo, os danos causados por notícias falsas muitas vezes são irreversíveis, podendo prejudicar a saúde pública, manipular decisões políticas e até levar à morte. Diversos países têm buscado maneiras de penalizar e regulamentar a disseminação dessas informações, mas, em algumas situações, acabam violando o direito à liberdade de expressão, que é garantido não apenas pela Constituição Brasileira, mas também em âmbito internacional, conforme descrevem Oliveira e Gomes (2019, p. 103):

No âmbito do direito internacional, a liberdade de expressão está prevista no artigo 1910 da Declaração Universal dos Direitos Humanos de 1948 e no artigo 1911 do Pacto de Direito Cívico e Político, internalizado no Brasil por meio do Decreto nº 592/1992. No âmbito regional, a Convenção Europeia dos

Direitos Humanos, adotada pelos Estados-Membros do Conselho da Europa em 1950, trata da liberdade de expressão no seu artigo 1012 e, no âmbito regional americano, o Pacto de São José da Costa Rica – Convenção Americana de Direitos Humanos – de 1969, consagra o mencionado direito no artigo 1313.

Alves e Maciel (2020) discutem as medidas adotadas por alguns países para regulamentar a problemática das *fake news*. Eles citam o caso da Alemanha, onde o parlamento aprovou, em 2017, o *Network Enforcement Act*, uma lei que regulamenta plataformas *online* com mais de dois milhões de usuários que disponibilizam e disseminam informações. A lei estabelece que, caso essas plataformas violem o código penal alemão, o conteúdo deve ser removido em até 24 horas; em situações mais complexas, o prazo pode se estender até uma semana.

A Malásia também é citada por Alves e Maciel (2020) em relação às medidas adotadas para combater as *fake news*. Em 2018, o país criminalizou a produção e disseminação de notícias parcial ou totalmente falsas, tanto no ambiente *online* quanto no físico. Além disso, foi imposta uma multa de aproximadamente 122 mil dólares e a prisão por até seis anos. Os autores destacam que essas medidas, tanto na Malásia quanto na Alemanha, foram duramente criticadas por interferirem na liberdade de expressão.

No Brasil, em 2020, foi aprovado no Senado o Projeto de Lei nº 2.630/2020, conhecido como Lei das *Fake News*, que estabelece normas para as redes sociais com o intuito de combater a desinformação. Entretanto, esse projeto ainda está em análise. Além disso, existem outras propostas no Senado para combater as notícias falsas, visando criminalizar e penalizar essas práticas na internet. Abaixo, está o quadro disponibilizado pelo Senado com as respectivas propostas.

Tabela 2 - Projetos de Lei sobre as *fake news*

Proposta	Objetivo
PLS 473/2017	Tipifica o crime de notícia falsa e prevê prisão de 6 a 2 anos e multa
PLS 218/2018	Determina que o TSE crie campanhas para conscientizar a população sobre a divulgação de notícias falsas (<i>fake news</i>) nos anos eleitorais
PLS 246/2018	Permite ação civil pública contra notícias falsas
PLS 471/2018	Institui os crimes de criação ou divulgação de notícia falsa, para afetar indevidamente o processo eleitoral, define notícia falsa para os efeitos da lei e dá outras providências

PLS 533/2018	Prevê prisão de 6 meses a 2 anos e multa, para quem criar ou divulgar notícia que sabe ser falsa para distorcer, alterar ou corromper gravemente a verdade sobre tema relacionado à saúde, à segurança pública, à economia nacional ou a outro interesse público relevante; prisão de 6 meses a 3 anos e multa, para quem criar ou divulgar notícia falsa para afetar indevidamente o processo eleitoral.
PL 632/2020	Tipifica <i>fake news</i> de autoridades públicas como crime de responsabilidade
PL 2.922/2020	Impede anúncios em <i>sites</i> com desinformação e discurso de ódio
PL 2.948/2020	Tipifica crime contra a honra na internet
PL 3.683/2020	Tipifica crimes e aumenta penas para condutas ilegais na internet
PL 5.555/2020	Torna crime deixar de se submeter, sem justa causa, a vacinação obrigatória em situação de emergência de saúde pública, e propagar notícias falsas sobre vacina
PL 675/2021	Aumenta as penas para calúnia, difamação e injúria
PL 3.813/2021	Criminaliza divulgação de notícia falsa
PL 3.814/2021	Impõe obrigações aos provedores de redes sociais, combatendo o anonimato, a disseminação de notícias falsas e os perfis fraudulentos
PL 1.015/2021	Define pena de 1 a 4 anos de prisão e multa para o crime de “criar, divulgar, propagar, compartilhar ou transmitir, por qualquer meio, informação sabidamente inverídica sobre prevenção e combate à epidemia”
PL 2.745/2021	Tipifica a conduta de divulgar ou propalar, por qualquer meio, informações falsas sobre vacinas
Veto 46/2021	Veto à criminalização de <i>fake news</i> (aguarda análise de parlamentares)
PLP 120/2022	Torna inelegível quem divulgar notícia falsa sobre urna eletrônica e processo eleitoral

Fonte: Agência Senado, 2022.

As redes sociais também estão desenvolvendo medidas para amenizar a disseminação de *fake news*. O *Facebook* criou uma ferramenta para combater notícias falsas em grupos, permitindo um filtro para informações identificadas como falsas. Esses dados são direcionados para uma "fila de quarentena" (Exame, 2022). O *WhatsApp* e o TSE uniram-se para combater a desinformação no processo eleitoral de 2022, comprometendo-se a desenvolver ações para a difusão de notícias confiáveis sobre as eleições (TSE, 2022). O *Twitter* também anunciou a criação de ferramentas para reduzir a visibilidade dessas notícias, incluindo uma aba na plataforma para reunir os assuntos mais repercutidos sobre o tema ou contexto, com

o objetivo de identificar notícias falsas (CNN, 2022). Neves e Borges (2020, p. 16) afirmam:

Com a propagação de notícias falsas e sensacionalismo por meio das mídias sociais, juntamente com o crescente papel da tecnologia na sociedade, a alfabetização midiática pode oferecer aos professores e alunos um conjunto de habilidades para analisar, criticar e responder à informação que aparecem diante deles nos textos digitais.

Os autores apontam a importância da alfabetização informacional e midiática para conscientizar os indivíduos sobre essas notícias. Além disso, afirmam que é fundamental que as pessoas atuem como “investigadores” no mundo virtual, atentando-se para as informações que recebem e publicam. Essas habilidades contribuem para alertar e combater as *fake news* (Neves; Borges, 2020).

Dessa forma, é notório que essas notícias representam um fenômeno complexo que ganhou uma nova dimensão na era da informação, na qual o acesso e a disseminação de conteúdos são ilimitados e instantâneos. Nesse cenário, as notícias falsas são compartilhadas rapidamente, alcançando um número maior de indivíduos. Falcão e Souza (2021) mencionam ainda a força que a internet possui para potencializar essas notícias, visto que permite a qualquer usuário criar e disseminar conteúdo.

As *fake news* têm a capacidade de influenciar e manipular os leitores, além de serem utilizadas para deturpar a imagem de alguém, acarretando danos irreversíveis (Barboza; Servidoni, 2021). Um exemplo marcante disso foi o espancamento que resultou na morte de um homem, vítima de *fake news*. Ele foi agredido sob a suspeita de roubar uma moto, mas a informação foi negada pelo proprietário do veículo, que afirmou ter emprestado a moto. Outro exemplo lamentável foi o caso de uma pesquisadora que precisou deixar uma cidade após notícias falsas serem compartilhadas nas redes sociais.

Figura 1 - Notícias falsas veiculadas sobre assuntos diversos



Fonte: G1, 2023.

Fonte: G1, 2023.

Além disso, a pandemia da covid-19 foi caracterizada pela disseminação de notícias falsas, incluindo receitas milagrosas, o uso de medicamentos sem comprovação científica e informações que questionavam a eficácia e a segurança das vacinas desenvolvidas para combater o vírus e a pandemia.

Figura 2 - Notícias veiculadas sobre vacinas contra a covid-19



Fonte: CNN, 2021.

Fonte: Agência Brasil, 2023.

Segundo Falcão e Souza (2021), a disseminação dessas notícias pode causar à sociedade ansiedade e depressão, além de influenciar a tomada de decisões. Vignoli *et al.* (2022) afirmam que essas notícias são utilizadas para gerar hesitação e

confundir a população, fazendo com que as pessoas não saibam em quem confiar. Dessa forma, as *fake news* sobre as vacinas da covid-19 ilustram como o meio digital pode ser um terreno fértil para a propagação de desinformação, especialmente quando sustentada por medos e incertezas.

5 O COMBATE ÀS *FAKE NEWS* NO BRASIL NA PANDEMIA DA COVID-19 E O DESAFIO DA VACINAÇÃO DA POPULAÇÃO

A vacina foi criada por Edward Jenner em 1789, a partir da ideia de aplicar resíduos de uma doença de vacas em uma criança, pois Jenner observou que as mulheres que tinham contato direto com o animal não adquiriam a doença, apresentando apenas ferimentos leves nas mãos (Vaz; Garcia, 2017). O experimento foi bem-sucedido, e a criança em contato com o vírus não contraiu a doença (Dande; Silva Junior; Martinez, 2022). Além disso, o termo “vacina” vem do latim “vacca”, e o processo “*vaccination*” (Levi, 2013). Vaz e Garcia (2017) afirmam que a varíola foi crucial para o desenvolvimento da vacinação e para o controle de doenças infecciosas. Silva (2019) também menciona que, a partir da varíola, iniciou-se a busca por curas para várias enfermidades que, no passado, levaram milhares de pessoas à morte.

No Brasil, a vacina chegou por volta de 1804, mas foi registrada e mapeada em grande escala apenas em 1820. No entanto, logo após, a população ficou hesitante e insegura em relação à vacinação, pois ela era associada a satanás pela igreja, e havia questionamentos por parte de vários médicos sobre sua eficácia (Vaz; Garcia, 2017). Em 1904, a vacina tornou-se obrigatória, resultando na Revolta da Vacina no Rio de Janeiro, que ocasionou mortes, prisões, feridos e deportações (Butantan, 2021).

Segundo Vaz e Garcia (2017, p. 6), “A Revolta da Vacina foi um dos maiores levantes populares ocorridos no século XX.” No entanto, essa realidade foi modificada com a inserção do Sistema Único de Saúde (SUS). Atualmente, a vacinação ocorre por meio do Programa Nacional de Imunizações (PNI), que faz parte do SUS e é responsável pela distribuição de vacinas a todos os brasileiros. Além disso, o PNI é um dos maiores programas de vacinação do mundo (Butantan, 2021).

Ademais, no final de 2019, foi identificado um novo vírus que desencadeou a pandemia da covid-19. Nomeado como novo coronavírus (SARS-CoV-2), ele surgiu na China, na província de Wuhan, com origem zoonótica, advinda de animais silvestres, e se espalhou rapidamente pelo mundo (Vilela Filho *et al.*, 2022). Em 11 de março de 2020, a OMS declarou a covid-19 como uma pandemia (OPAS, 2020). Inicialmente, a China foi considerada o epicentro mundial do vírus. Em dezembro de 2019, a Organização Mundial da Saúde (OMS) informou sobre vários casos de uma

pneumonia desconhecida, que logo foi identificada como o novo coronavírus. A Itália rapidamente ultrapassou a China em número de mortes pela doença e, em pouco tempo, vários países foram infectados. Em 30 de janeiro de 2020, a OMS declarou uma emergência de saúde pública internacional (Souza *et al.*, 2021). Assim, Dande, Silva Junior e Martinez (2020, p. 6) enfatizam:

A pandemia mostrou a fragilidade dos sistemas de saúde em todo o mundo e até o colapso em muitos deles, devido à alta demanda por atendimento de alta complexidade e densidade tecnológica, até mesmo em países desenvolvidos e com sistemas de saúde bem estruturados, como por exemplo, o *National Health Service* no Reino Unido.

No Brasil, o primeiro caso de covid-19 foi registrado em 26 de fevereiro de 2020 (Brasil, 2020). No entanto, ao final de setembro de 2020, o país havia registrado quase cinco milhões de casos e 142.000 mortes (Souza *et al.*, 2021). A pandemia trouxe impactos significativos não apenas na saúde pública, mas também causou problemas socioeconômicos. Famílias enfrentaram dificuldades para se sustentar, houve problemas de saúde mental devido ao isolamento social, e o cenário de caos gerado pela alta taxa de mortes diárias pela doença e dificuldades para obter alimentos, medicamentos, transporte, entre outros, tornou a situação ainda mais grave (Vilela Filho *et al.*, 2022).

O isolamento social foi adotado devido à falta de medicamentos e vacinas para controlar o surto do vírus, além da implementação do uso de máscaras e medidas de higiene recomendadas pela OMS. Souza *et al.* (2021, p. 550) afirmam que “O distanciamento social diminui a propagação do vírus, reduzindo o número de vítimas e desafogando os sistemas de saúde”. Contudo, esse cenário caótico levou à busca intensificada pelo fim da pandemia e ao controle do vírus, com cientistas de todo o mundo se dedicando à formulação de vacinas para combater a doença. Assim, em meados de 2020, os primeiros imunizantes foram aprovados. No entanto, a rapidez na produção das vacinas gerou questionamentos, visto que, anteriormente, esse processo costumava levar mais de dez anos.

A pesquisadora científica e diretora do laboratório de Desenvolvimento do Butantan, Viviane Maimoni Gonçalves, assegurou a segurança das vacinas e garantiu que não havia necessidade de preocupação. Ela também argumentou que a vacina para combater a Síndrome Respiratória Aguda Grave (SARS) já estava em desenvolvimento desde 2003, época do primeiro surto mundial envolvendo o coronavírus (Butantan, 2021).

A primeira vacina aplicada no Brasil foi a CoronaVac, desenvolvida pelo Butantan em parceria com a Sinovac, no dia 17 de janeiro de 2021. A Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) aprovou a vacina, e a primeira brasileira foi imunizada contra a covid-19. Em seguida, muitos outros profissionais da saúde, idosos, indígenas e adultos em geral receberam as vacinas distribuídas pelo Programa Nacional de Imunizações (PNI) do Ministério da Saúde (Butantan, 2022). Além disso, a Universidade Federal de Pelotas (UFPel) relatou uma redução pela metade nas mortes de idosos com 80 anos ou mais no país que receberam a CoronaVac. Vale salientar que o aumento da vacinação no país, em julho, resultou em uma redução de 42% das mortes por covid-19 no Brasil, segundo dados do Ministério da Saúde (Butantan, 2022).

Além da CoronaVac, as vacinas aprovadas no Brasil pela Anvisa incluem: *Comirnaty (Pfizer/Wyeth)*, *Comirnaty bivalente (Pfizer)*, *Janssen Vaccine (Janssen-Cilag)*, *Oxford/Covishield (Fiocruz e AstraZeneca)* e *Spikevax bivalente (Brasil, 2022)*. Uma pesquisa realizada em Londrina, no Paraná, pela Universidade Estadual de Londrina, pela Secretaria Municipal de Saúde de Londrina, pela Universidade Federal de Londrina, pela Universidade Federal de São Carlos e pela Faculdade de Medicina Albert Einstein dos Estados Unidos apontou que 75% das mortes por covid-19 nos primeiros meses de 2021 ocorreram em pessoas não vacinadas contra o vírus.

Além disso, os idosos não vacinados apresentaram maior taxa de mortalidade em comparação aos imunizados. Entre os indivíduos com menos de 60 anos, o número de óbitos entre não vacinados foi 83 vezes maior do que entre os vacinados. O estudo incluiu dados de 59.853 casos confirmados de covid-19 e 1.687 óbitos, dos quais 1.269 foram de indivíduos que não tomaram a vacina. Entre os casos confirmados, 48.217 eram de indivíduos não vacinados, 7.207 de indivíduos parcialmente imunizados e 4.429 de indivíduos totalmente imunizados, sendo que, entre os vacinados infectados, 54% eram idosos (Butantan, 2022). Dessa forma, Dande, Silva Junior e Martinez (2022, p. 7) afirmam:

Evidencia-se a relevância da imunização para controle da mortalidade causada por doenças imuno previsíveis. A vacinação é a forma mais eficaz de conter a contaminação e o desenvolvimento de novas variantes do coronavírus. Sendo assim a imunização em massa é uma ótima estratégia para a redução do número de casos, principalmente de mortes.

Além disso, o diretor da Organização Mundial da Saúde (OMS), Tedros Adhanom, declarou o fim da Emergência de Saúde Pública de Importância

Internacional (ESPII) para a covid-19, mais de três anos após o início da pandemia. No entanto, ele ainda enfatiza que a doença continua sendo uma ameaça à saúde mundial (OPAS, 2023). Apesar dos resultados visíveis da vacinação, o processo de imunização contra a covid-19 no Brasil enfrentou desafios desde o início, incluindo questionamentos sobre a eficácia da vacina, descaso governamental, movimentos antivacinas e a disseminação de inúmeras *fake news* nas redes sociais, dificultando a cobertura vacinal e, conseqüentemente, o controle do vírus (Galhardi *et al.*, 2021).

5.1 A importância da vacinação para saúde pública

As vacinas são as ferramentas mais eficazes para a prevenção de doenças, pois é mais fácil evitar uma doença do que tratá-la (Fiocruz, 2014). Além de prevenir surtos epidêmicos, a vacinação tem contribuído para a erradicação de várias doenças no Brasil, como poliomielite, rubéola congênita e sarampo (Fiocruz, 2018). Em uma reportagem da Fiocruz, o pediatra do Instituto Fernandes Figueira, Dr. José Augusto Alves de Brito, afirma que a vacina influencia o sistema imunológico, promovendo a produção de anticorpos para combater diversas enfermidades. Ele enfatiza que a vacinação não só protege os indivíduos, mas também evita o contágio em massa de doenças graves que podem levar à morte ou causar conseqüências severas (Fiocruz, 2018). Segundo Balalai e Bravo (2020), grande parte das vacinas protege aproximadamente 90% a 100% dos indivíduos. Os autores também destacam a capacidade das vacinas de controlar e eliminar doenças infecciosas que podem resultar em morte. Feijó e Sáfadi (2006, p. 2) acrescentam que:

Os benefícios diretos e indiretos gerados com ações de imunizações são inequívocos e surpreendentes: inúmeras evidências demonstram seu potencial de redução da mortalidade entre as crianças, melhorias das condições de saúde e bem estar das comunidades, além de representar economia para sociedade, tanto através de redução de custos com consultas, tratamentos e internações hospitalares decorrentes das doenças como de menor absenteísmo escolar e de trabalho.

Gugel *et al.* (2021) argumentam que a vacinação é mais eficaz em doenças contagiosas do que os medicamentos para tratamento e possui a capacidade de erradicar doenças. Os autores também apontam que as vacinas evitaram mais de dois milhões de mortes por ano. Um exemplo claro disso é a vacinação contra o sarampo nas Américas, que resultou em uma redução significativa no número de mortes, cerca de 80% entre os anos de 2000 e 2017, destacando-se como um dos maiores investimentos em saúde pública (Silva *et al.*, 2021). Balalai e Bravo (2020, p. 7)

afirmam que “Quanto mais pessoas são vacinadas, menor é a circulação de vírus e bactérias entre a população; logo, menos pessoas adoecem”.

Entretanto, atualmente, doenças que estavam consideradas erradicadas estão retornando devido à queda no número de vacinas administradas. Segundo pesquisas realizadas pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef), observa-se um baixo entendimento por parte dos pais sobre os riscos dessas doenças, pois muitos acreditam que a vacina não é mais necessária. Em 2016, o Brasil recebeu um certificado pela erradicação do sarampo, mas a doença voltou em 2018 com mais de dez mil casos, de acordo com o Ministério da Saúde. Além disso, doenças como poliomielite, rubéola e difteria podem retornar devido à baixa cobertura vacinal (Butantan, 2022). Dessa forma, Levi (2013) afirma que a eficácia da vacina deve ser enfatizada e que a acomodação não é aceitável, pois pode acarretar retrocessos inaceitáveis à saúde pública

5.2 Sistema de Imunização Brasileiro

Atualmente, o Brasil se destaca no processo de vacinação por meio do Programa Nacional de Imunizações (PNI), sendo reconhecido internacionalmente pela eficiência das campanhas vacinais. O PNI foi desenvolvido em 1971 e, por meio de seu planejamento, eliminou a varíola do Brasil em 1973 e a poliomielite em 1989, além de controlar surtos epidêmicos de doenças como sarampo, tétano neonatal, coqueluche, casos graves de tuberculose e diversas outras enfermidades que ameaçavam a saúde pública (Feijó; Sáfyadi, 2006). Gugel *et al.* (2021, p. 22714) afirma:

O PNI é considerado uma referência internacional de política pública que foi regulamentado no ano de 1975 pela Lei Federal nº 6.259 e Decreto nº 78.321, que institui o Sistema Nacional de Vigilância Epidemiológica (SNVE). Após o PNI dispor de diversos pontos positivos o Ministério da Saúde propôs que o programa buscasse integralidade sobre a sua imunização, sendo assim, o PNI passou a coordenar as atividades de imunização, dispondo de diretrizes e experiências, prestando serviços de saúde através da rede própria, fazendo com que a vigilância compreendesse o seu potencial contribuindo e fortalecendo o programa.

Além disso, o objetivo do Programa Nacional de Imunizações (PNI) é fornecer vacinas de qualidade às crianças nascidas no país, visando alcançar todos os indivíduos igualmente em todos os municípios e bairros, sem exceção (Brasil, 2021). O PNI é responsável por disponibilizar vacinas por meio do Sistema Único de Saúde (SUS) e é considerado um dos maiores programas do mundo, oferecendo 45 imunobiológicos para a população, desde crianças até idosos (Brasil, 2022). O Brasil

também se destaca como um dos países que mais disponibilizam vacinas gratuitas no mundo (Galhardi *et al.*, 2021). Arnaldo Medeiros, Secretário de Vigilância em Saúde (SVS) e responsável pelo programa dentro do Ministério da Saúde, afirma:

É muito pouco provável que qualquer brasileiro, de qualquer idade, não tenha, ao longo de sua história tomado uma dose dessas vacinas no braço. A gente está falando de um programa que cuida e zela pela saúde pública brasileira. Falar do PNI é falar de um dos maiores patrimônios do país (Brasil, 2021).

Atualmente, o Programa Nacional de Imunizações (PNI) integra a iniciativa da Organização Mundial da Saúde, contando com o apoio da Unicef e contribuições do *Rotary International* e do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (Brasil, 2021). Vale ressaltar que, no Brasil, o Instituto Butantan e a Fiocruz estão entre os principais produtores de vacinas no mundo, ocupando a 10^a e a 15^a posições, respectivamente. Em média, são entregues 120 milhões de doses ao PNI anualmente e, com a pandemia do novo coronavírus, esse número tende a aumentar progressivamente. De 2017 a 2021, mais de 701 milhões de doses de vacina foram distribuídas à população (Fiocruz, 2022). Dessa forma, é evidente a responsabilidade do PNI em coordenar a distribuição de vacinas no Brasil, pois, desde sua implementação, tem demonstrado êxito na erradicação de doenças e na prevenção de milhares de mortes por ano, além de alcançar altos índices de cobertura vacinal (Gurgel *et al.*, 2021). Ademais, em 28 de setembro de 2023, o PNI completou 50 anos (Fiocruz, 2023). O programa também é considerado um marco histórico na saúde pública brasileira (Fiocruz, 2022).

5.3 Desinformação e dificuldades no processo para prevenção da covid-19 no Brasil

A pandemia da covid-19, além de gerar crises políticas, socioeconômicas e de saúde pública, também resultou em desordem informacional, caracterizada pela disseminação de notícias falsas (Massarani *et al.*, 2021). Nesse contexto, ocorreu uma explosão de informações, que a OMS denominou de “infodemia”, na qual coexistem informações precisas e outras imprecisas, tornando difícil a identificação de notícias e fontes confiáveis. Na era da informação, esse fenômeno causa impacto acentuado por meio das redes sociais, espalhando-se rapidamente como um vírus. A OMS, em conjunto com a OPAS, ressaltou que a infodemia pode agravar a pandemia, pois influencia a tomada de decisões dos indivíduos (OPAS, 2020).

Alencar *et al.* (2020) afirmam que, durante a pandemia, as pessoas passaram a buscar mais informações sobre o vírus, e essa atitude exige cautela ao receber e compartilhar informações que podem ser falsas. Assim, as redes sociais favorecem o rápido compartilhamento de informações, tornando-se um espaço propício para a disseminação de inverdades sobre a origem do vírus, formas de contágio, medidas de prevenção e contenção, quantidade de casos e mortes e, principalmente, sobre as vacinas (Massarani *et al.*, 2021). Segundo Falcão e Souza (2021, p.68):

O excesso de informações imprecisas gera pânico, negacionismo e afrouxamento das medidas de prevenção, o que prejudica diretamente o combate à pandemia. Na intitulada maior crise global do século XXI, o mundo tem enfrentado o vírus que se alastram rápido e paralelamente: a covid-19 e as *fakes news*.

Alencar *et al.* (2020) afirmam que as redes sociais são as principais disseminadoras de *fake news* na atualidade e, com o aumento da quantidade de informações, representam um desafio para filtrar essas notícias. Conforme Galhardi *et al.* (2021, p. 1850):

As *fake news* sobre a pandemia, vacinas e saúde pública encontram terreno fértil para se proliferar no Brasil, diante da população hiper conectada cuja maioria não sabe reconhecer as diferenças lógicas entre notícias falsas ou verdadeiras. O simples exercício de verificar a fonte da informação parece um obstáculo intransponível para extensas parcelas da população. Principalmente quando se trata de curas milagrosas, acontecimentos fantasiosos e teorias conspiratórias a respeito de vacinas, o vácuo provocado pela precariedade da educação e pela ausência do Estado abre espaço para que sujeitos e instituições mal intencionados plantem dúvidas no consciente coletivo da população e a leve ao erro de questionar consensos científicos incontroversos.

Além disso, Falcão e Souza (2021) mencionam que a epidemia de *fake news* pode causar nos indivíduos ansiedade, depressão e esgotamento emocional, incapacitando-os de realizar demandas importantes e influenciando a tomada de decisões, pois esperam respostas rápidas e não têm a cautela de verificar a veracidade das informações. Entre as notícias falsas sobre o vírus, as vacinas contra a covid-19 ganharam mais visibilidade e tornaram-se o principal alvo de *fake news*. Uma pesquisa realizada pela pesquisadora Claudia Galhardi, da *Entertainment and Sports Programming Network* (ENSP), detectou que 19,8% dos conteúdos falsos que circulam na internet são sobre vacinas; 18,6% sobre tratamentos precoces; 16,9% abordam teorias conspiratórias; 15,8% referem-se a medidas preventivas; 11,9% sobre métodos caseiros de prevenção e cura; 10,3% dizem respeito a dados estatísticos manipulados sobre óbitos, contágio e recuperados; 3,6% sobre corrupção

em hospitais de campanha; 2,4% sobre golpes bancários ou arrecadação; e 1,2% sobre a má reputação de institutos de ensino e pesquisa. Ademais, de acordo com a Fiocruz (2021) as redes sociais que mais disseminaram *fake news* sobre vacinas foram: *Instagram* (46%), *WhatsApp* (24%), *Facebook* (14%), sites (12%) e *Twitter* (4%).

Galhardi *et al.* (2021) afirmam que uma em cada cinco *fake news* propagadas no Brasil diz respeito a vacinas. As notícias falsas sobre os imunizantes frequentemente utilizam o nome da Fiocruz como fonte de informação, a fim de enganar e conferir credibilidade à desinformação de maneira criminosa e intencional. Conforme Vignoli *et al.* (2022, p. 458) afirmam: “A cada ano, cerca de 1,5 milhões de pessoas, no mundo, morrem de doenças que poderiam ser evitadas se toda a população aceitasse ser vacinada.”. Além disso, descrevem que essa situação ocorre durante a pandemia da covid-19, na qual a população está dividida: uma parte está ansiosa para ser vacinada, enquanto a outra está dividida entre aqueles que se negam ou têm dúvidas sobre as vacinas contra o vírus.

Um dos fatores que levam à hesitação vacinal é o tempo em que as vacinas foram produzidas, pois há a crença de que não foram estudadas o suficiente. Além disso, a desconfiança sobre a origem da vacina e fatores político-ideológicos também contribuem para a hesitação em se vacinar (Galhardi *et al.*, 2021). Vignoli *et al.* (2022, p. 461) também afirmam: “A vacinação sempre foi um assunto de saúde pública envolto por defensores e contestadores, e ganhou visibilidade e se intensificou ainda mais na pandemia da covid-19.” Ademais, o negacionismo e o posicionamento do presidente Jair Bolsonaro contribuíram para confundir a população brasileira e, conseqüentemente, amplificaram a hesitação vacinal (Galhardi *et al.*, 2021). O presidente, por meio de suas redes sociais, minimizou a gravidade da doença, criticou o distanciamento social e questionou a segurança das vacinas (Massarani *et al.*, 2021).

Galhardi *et al.* (2021) evidencia que diferentemente dos líderes de outros países, que impulsionaram as campanhas de vacinação e foram os primeiros a se vacinarem, o presidente Bolsonaro alegou que não tomaria a vacina e desprezou a Coronavac, fabricada pelo Instituto Butantan em parceria com a Sinovac. Ainda afirmam que “Durante a pandemia, as declarações públicas do presidente Jair Bolsonaro contribuíram para legitimar a hesitação vacinal, dando maior visibilidade e

alcance a seus argumentos.” (Galhardi *et al.*, 2021, p. 1851). Falcão e Souza (2021) também enfatizam que muitas notícias falsas sobre o vírus foram espalhadas pelo próprio presidente e seus apoiadores, aumentando ainda mais a gravidade das *fake news* no Brasil, uma vez que Bolsonaro era o presidente e tinha grande visibilidade na rede nacional de rádio e televisão.

Além do descaso por parte do governo, os movimentos antivacinas aumentaram durante a pandemia da covid-19. Vignoli *et al.* (2022) afirmam que esses movimentos ocorrem principalmente nas redes sociais, onde disseminam desinformações e *fake news* para confundir e influenciar a sociedade, resultando em uma população mal-informada que não sabe em quem confiar. Os autores ainda enfatizam:

Indivíduos hesitantes, tanto podem ser conduzidos a deixar de sê-los, como podem vir a tornar-se antivaxxers² convictos. Nesse imbricamento, o problema da falta de informação confiável é, principalmente, direcionada a quem tem dificuldade de encontrá-la. (Vignoli *et al.*, 2022, p. 463)

Massarani *et al.* (2021, p. 31) também apontam: “Desconstruir a vacina, colocando em dúvida sua importância, segurança e eficácia, é uma estratégia antiga desses movimentos.” Contudo, Vignoli *et al.* (2022) evidenciam que a hesitação vacinal varia desde a preocupação até a recusa das vacinas, o que pode resultar na formação de movimentos antivacinas ou em grupos de indivíduos que apresentam argumentos contrários à vacinação e às vacinas em si. A ministra Nísia Trindade afirma que as *fake news* que questionam a segurança das vacinas não se tratam de desinformação, mas de uma ação criminosa (Brasil, 2023).

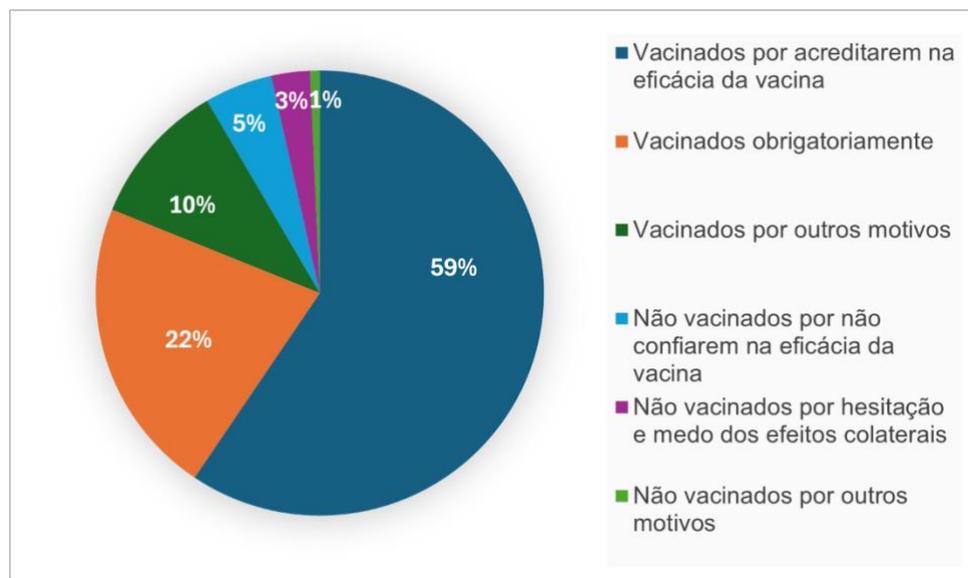
O governo federal tem buscado medidas para promover a segurança das vacinas e mitigar a desinformação relacionada a elas. Atualmente, o governo lançou o programa Saúde com Ciência, com o intuito de recuperar as altas taxas de cobertura vacinal no Brasil em meio ao cenário de retrocesso (Fiocruz, 2023). Vale salientar que, de julho a setembro de 2023, o Ministério da Saúde realizou um mapeamento diário nas mídias sociais sobre as narrativas ligadas à vacinação, identificando mais de 6,8 mil informações falsas sobre as vacinas, que impactaram mais de 23,3 milhões de pessoas. (Fiocruz, 2023)

² De acordo com o Dicionário de Cambridge Online, o termo significa antivacinas, pessoa que se opõe às vacinas.

6 RESULTADOS E DISCUSSÕES

O questionário foi aplicado nas redes sociais e consistiu em 13 perguntas, alcançando um total de 143 respostas. Os resultados foram analisados com base na diferenciação entre os grupos de indivíduos vacinados e não vacinados, permitindo uma compreensão mais aprofundada. Entre os participantes que se vacinaram, foram identificados três grupos: aqueles que se vacinaram por acreditarem na eficácia da vacina, os que se vacinaram por obrigação devido a algum fator e os que se vacinaram por outros motivos. Da mesma forma, os participantes que não se vacinaram foram divididos em três grupos: aqueles que não se vacinaram por não acreditarem na eficácia da vacina, os que hesitaram devido ao medo de possíveis efeitos colaterais e os que não se vacinaram por outros motivos.

Gráfico 1 - Motivações para vacinação e não vacinação dos participantes

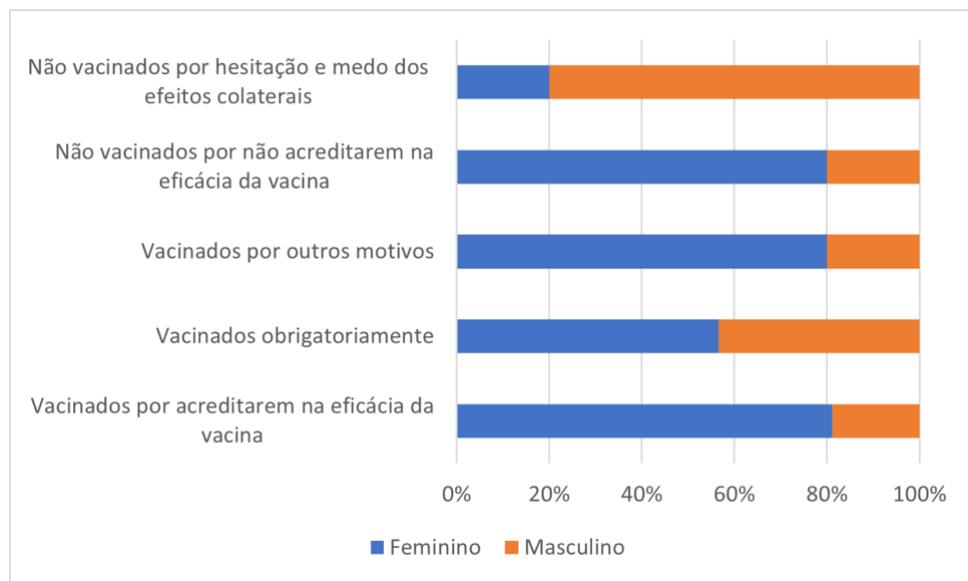


Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

O gráfico 1 destaca a diversidade nas motivações para a vacinação e a não vacinação entre os participantes da pesquisa. A maior parte dos entrevistados se vacinou devido à crença na eficácia da vacina, indicando uma confiança concreta nos benefícios da imunização. Por outro lado, uma porcentagem significativa foi vacinada obrigatoriamente por algum fator, como exigência no local de trabalho, requisito para viagem ou outros motivos, refletindo a influência de fatores externos na decisão de

vacinar-se. Entre os não vacinados, a falta de confiança na eficácia da vacina é o principal motivo, seguida por hesitação e medo dos possíveis efeitos colaterais. Esses dados sugerem que a confiança na vacina é um importante motivador para a vacinação, embora uma parte significativa tenha se vacinado por obrigação. A desconfiança e o medo também desempenharam um papel expressivo na decisão de não se vacinar.

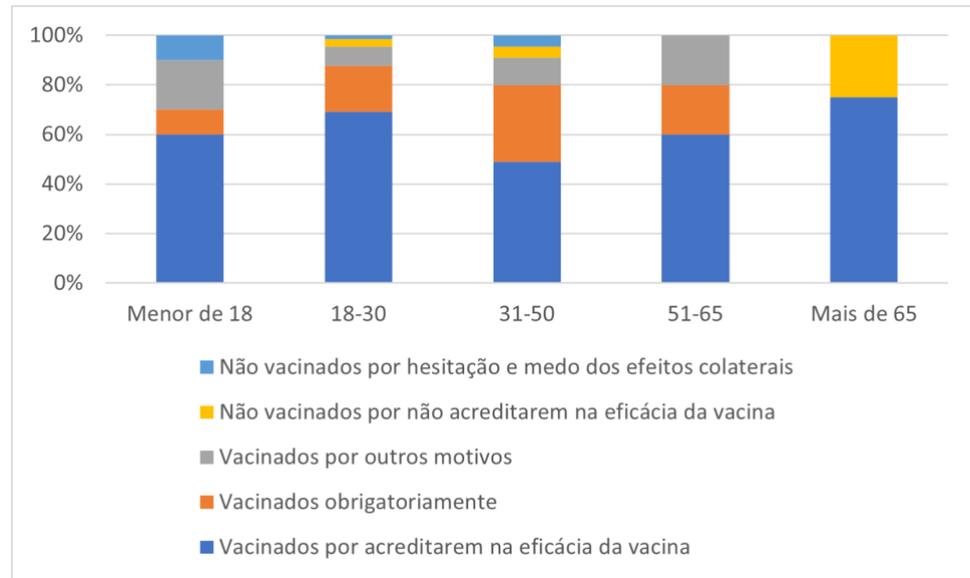
Gráfico 2 - Distribuição da Identidade de Gênero



Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

O gráfico 2 apresenta diferenças significativas na distribuição de gênero entre os grupos de vacinados e não vacinados. Observa-se uma predominância de pessoas que se consideram mulheres em todos os grupos de vacinados, especialmente entre aquelas que se imunizaram por acreditar na eficácia da vacina. No entanto, o gênero feminino corresponde à maioria dos respondentes. Em contrapartida, o grupo que não se vacinou por hesitação e medo dos possíveis efeitos colaterais apresenta uma maior proporção de pessoas que se consideram homens. Essa diferença sugere que a confiança nas vacinas e as razões para a hesitação podem variar de acordo com o gênero, indicando uma maior preocupação com a saúde por parte de pessoas que se identificam como mulheres e hesitação e medo por parte daqueles que se identificam como homens.

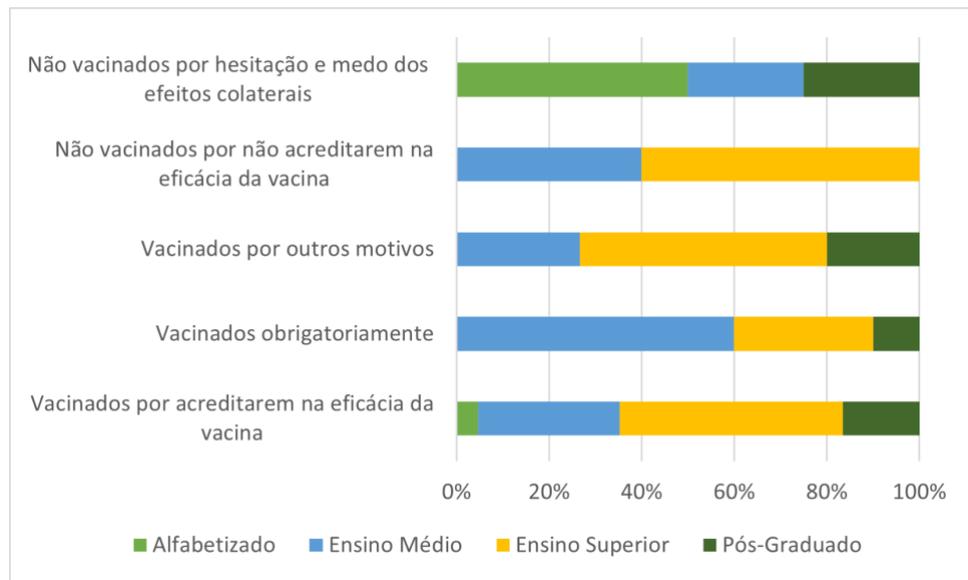
Gráfico 3 - Faixa etária dos participantes



Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

O gráfico 3 evidencia que a maioria dos vacinados que acreditam na eficácia da vacina são jovens adultos de 18 a 30 anos. Os indivíduos vacinados obrigatoriamente e por outros motivos são predominantemente adultos de 31 a 50 anos. Entre os não vacinados, a falta de confiança na vacina e a hesitação são mais comuns entre os adultos de meia-idade. Essa diferença pode ser atribuída à maior exposição dos adultos à desinformação, bem como à menor habilidade em manusear os meios digitais. Por outro lado, os mais jovens têm maior habilidade para identificar fontes confiáveis e estão mais expostos a informações científicas, tornando-se mais suscetíveis a acreditar na ciência. Segundo Fagundes *et al.* (2021), os jovens demonstram habilidades em definir fontes confiáveis, selecionando as mídias tradicionais, especialistas e professores de determinados assuntos. Mesmo com o uso frequente da internet, escolhem em quem confiar com base na credibilidade dessas fontes. Essas respostas indicam que a idade influencia significativamente as atitudes em relação à vacinação.

Gráfico 4 - Nível de escolaridade dos participantes



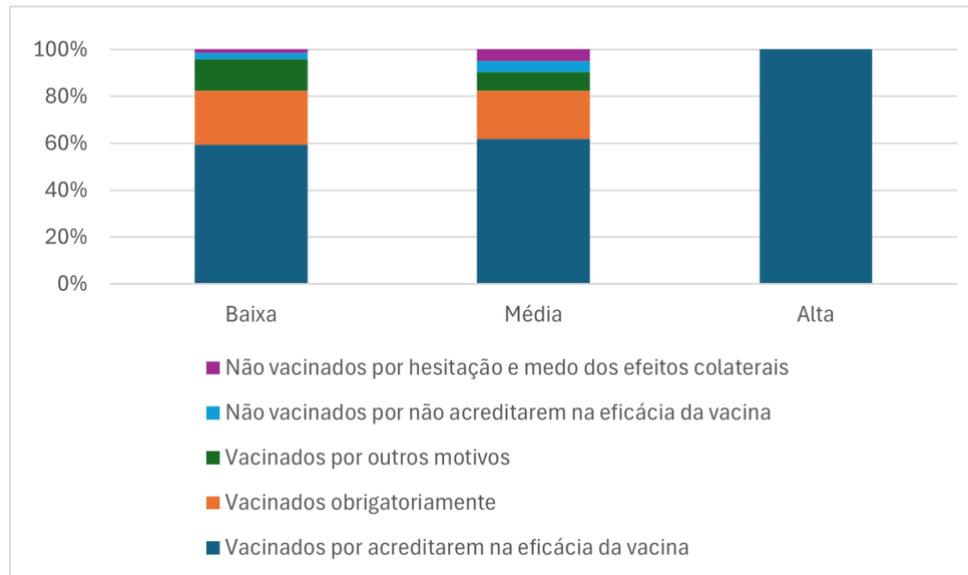
Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

O gráfico 4 destaca as variações no nível de escolaridade entre os diferentes grupos de vacinados e não vacinados. Entre os indivíduos que se vacinaram por acreditarem na eficácia da vacina, a maioria possui Ensino Superior, seguida por Ensino Médio e Pós-graduação, refletindo maior acesso à informação científica e melhor capacidade de avaliar informações confiáveis. No grupo de vacinados obrigatoriamente, o Ensino Médio predomina, com uma representação menor de pessoas com Ensino Superior e Pós-graduação. Aqueles que se vacinaram por outros motivos apresentam uma distribuição equilibrada entre Ensino Superior e Médio, com uma pequena proporção de pós-graduados.

Por outro lado, os não vacinados que não confiam na eficácia da vacina são, em sua maioria, indivíduos com nível superior, indicando que a educação não é o único fator determinante. Esses indivíduos podem estar sob influências ideológicas ou teorias da conspiração, que, segundo Rezende *et al.* (2019), são crenças que explicam eventos complexos como ações secretas de grupos poderosos com intenções ilegais, oferecendo versões alternativas que desafiam as explicações oficiais e se espalham nas redes sociais. Enquanto os não vacinados por hesitação e medo dos efeitos colaterais apresentam, em sua maioria, indivíduos com apenas alfabetização básica, esse fator pode indicar que esses indivíduos estão mais vulneráveis à desinformação devido à falta de compreensão. Esses resultados indicam que o nível de escolaridade pode influenciar a decisão de se vacinar. Apesar

de a maioria dos não vacinados ter nível superior, os dados revelam que as pessoas com maior nível de escolaridade tendem a confiar mais na vacina do que as menos escolarizadas.

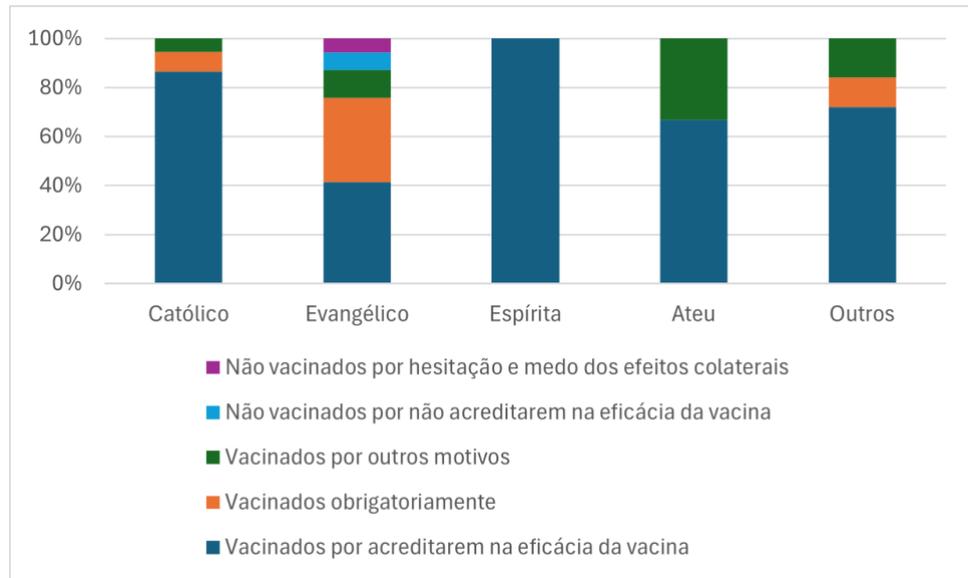
Gráfico 5 - Classe social dos participantes



Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

O gráfico 5 revela que a maioria dos participantes que se vacinaram por acreditarem na eficácia da vacina pertence às classes baixa e média, com uma pequena porcentagem na classe alta. Entre os vacinados obrigatoriamente e aqueles vacinados por outros motivos, predomina a classe baixa, com uma menor representação da classe média. Já entre os não vacinados por falta de confiança na vacina e por medo e hesitação, a classe média apresenta uma representatividade significativa. Esses dados indicam que as decisões de vacinação e não vacinação estão correlacionadas com a classe social, evidenciando diferenças notáveis entre as razões para se vacinar ou não.

Gráfico 6 - Religião dos participantes

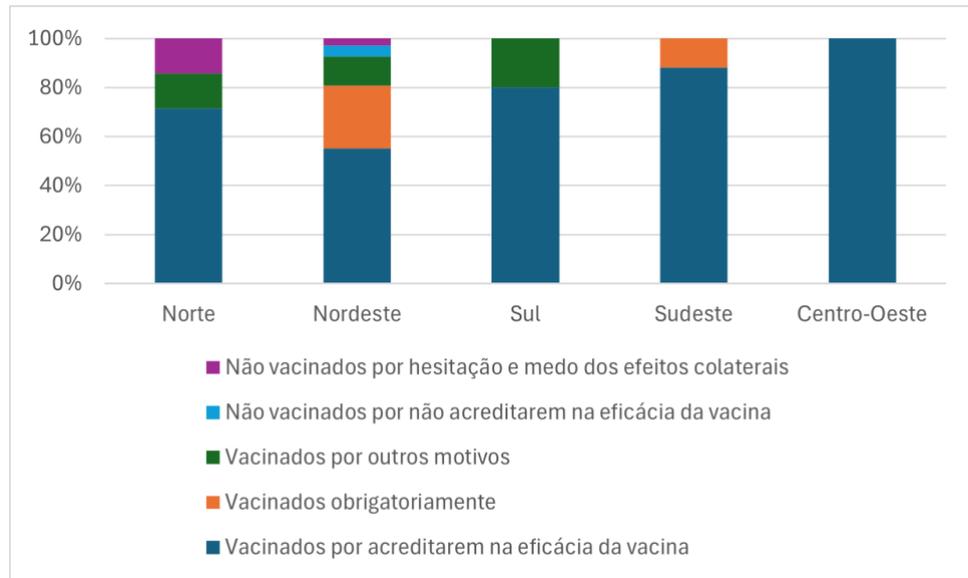


Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

O gráfico 6 ilustra a religiosidade dos participantes em relação às suas decisões de vacinação. Entre aqueles que se vacinaram por acreditarem na eficácia da vacina, observa-se uma diversidade religiosa significativa, com a maioria sendo católicos, seguidos por evangélicos, e uma pequena porcentagem de espíritas, ateus e adeptos de outras religiões. Vale salientar que a maioria dos respondentes se identifica como evangélica. Os vacinados obrigatoriamente são predominantemente evangélicos, com uma menor representação de católicos e pessoas de outras religiões. No grupo que se vacinou por outros motivos, os evangélicos também predominam, seguidos por católicos, ateus e indivíduos de outras religiões.

Entre os não vacinados, tanto aqueles que não confiam na eficácia da vacina quanto os que hesitam ou têm medo dos efeitos colaterais, todos se identificam como evangélicos. Curiosamente, todos os ateus se vacinaram. Esses resultados destacam a influência da religião na decisão de vacinação; no entanto, essa não é uma ocorrência recente. No surgimento da vacina contra a varíola, mencionado anteriormente, a vacina foi demonizada pela Igreja, resultando em resistência por parte dos fiéis em se vacinar (Vaz; Garcia, 2017).

Gráfico 7 - Regiões dos participantes

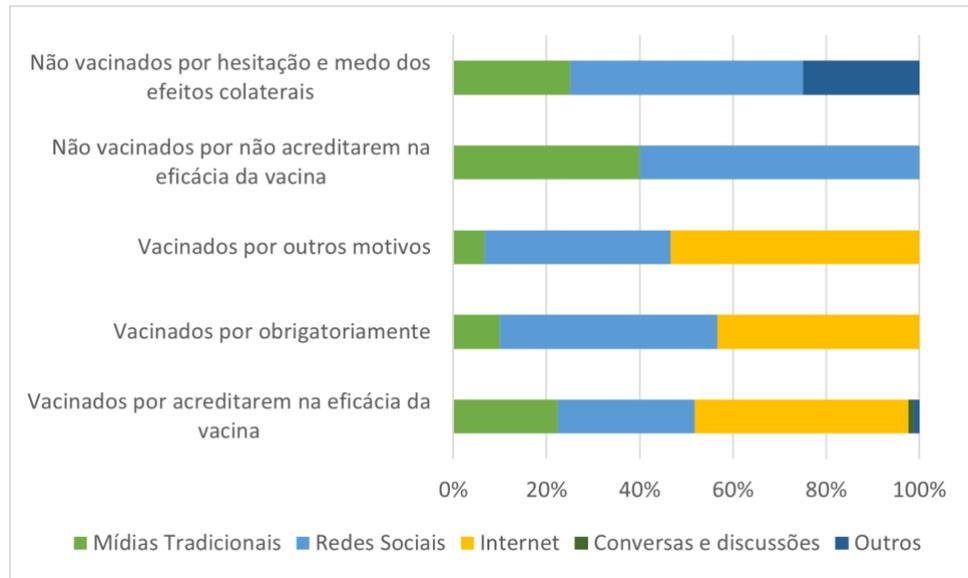


Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

O gráfico 7 mostra a distribuição regional dos participantes em relação às suas decisões de vacinação. É importante ressaltar que mais da metade dos indivíduos é da região Nordeste. Entre os vacinados que acreditam na eficácia da vacina, a maioria reside no Nordeste, seguida por pequenas porcentagens nas regiões Norte, Sul, Sudeste e Centro-Oeste. Para os vacinados obrigatoriamente, a concentração é ainda maior no Nordeste, com uma pequena representação no Sudeste. No grupo dos vacinados por outros motivos, a maioria também se encontra no Nordeste, com menores proporções no Sudeste e Norte.

Entre os não vacinados por não confiarem na eficácia da vacina, todos são da região Nordeste. No grupo que não se vacinou devido à hesitação e medo dos efeitos colaterais, a maioria é do Nordeste, com uma menor proporção do Norte. Apesar do predomínio do Nordeste, todas as regiões estavam representadas no grupo de vacinados que acreditam na eficácia da vacina, enquanto no grupo de vacinados obrigados havia representação do Sudeste e, no grupo de não vacinados, uma representação do Norte do país.

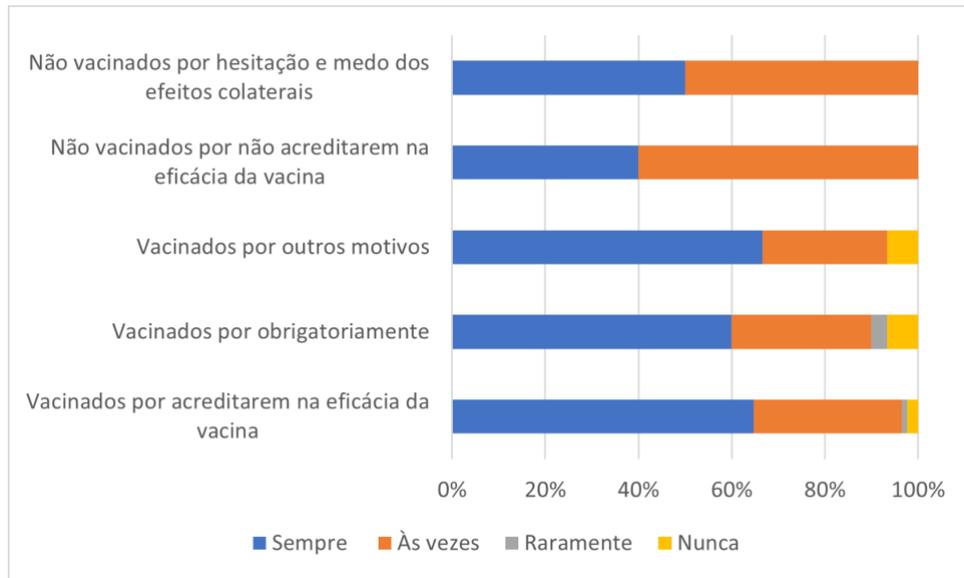
Gráfico 8 - Meio mais utilizado como fonte de informação



Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

O gráfico 8 revela que, para a maioria dos vacinados que acreditam na eficácia da vacina, a internet é a principal fonte de informação, com as redes sociais e mídias tradicionais desempenhando papéis secundários. Vale salientar que, nesse grupo, predominam os jovens de 18 a 30 anos. Isso sugere que esses indivíduos buscam informações detalhadas na internet, mas também consultam redes sociais e mídias tradicionais. Para os vacinados por outros motivos, a internet também predomina, seguida pelas redes sociais. Os grupos que não se vacinaram ou que se vacinaram por obrigação utilizam mais as redes sociais para buscar informações, que, segundo Alencar *et al.* (2020), são os principais meios de disseminação de *fake news*. Vale ressaltar que essas redes podem exercer um papel negativo no contexto da desinformação, pois a rápida disseminação de informações permite que notícias falsas alcancem um grande número de pessoas em tempo real, tornando-se ferramentas poderosas para os criadores desses conteúdos.

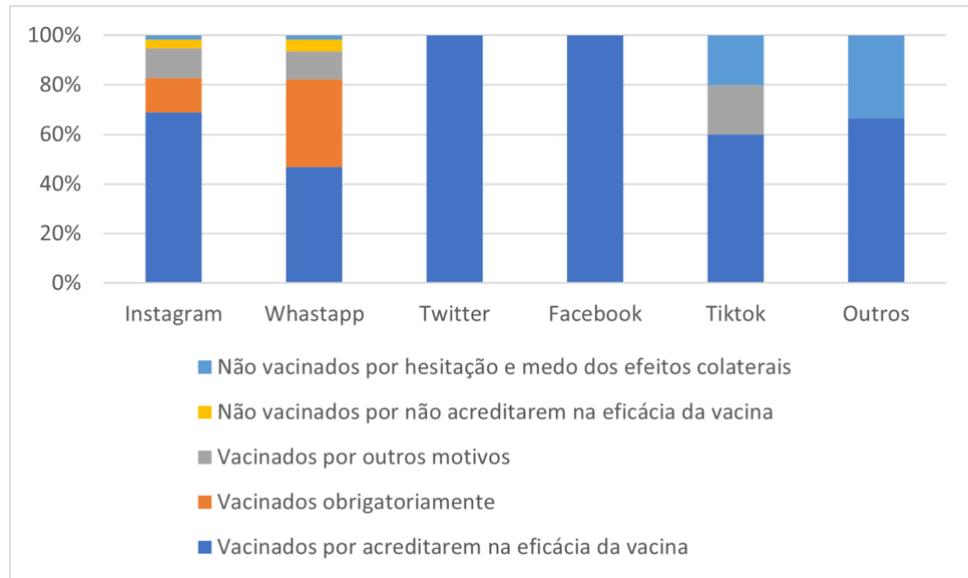
Gráfico 9 - Verificação da veracidade das informações



Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

O gráfico 9 apresenta o comportamento dos participantes quanto à checagem da veracidade das informações. Entre os vacinados que acreditam na eficácia da vacina, a maioria sempre verifica a veracidade das informações, evidenciando um bom hábito de checagem. Entre os vacinados obrigatoriamente, a maioria também realiza a verificação, embora em uma proporção menor. No grupo dos vacinados por outros motivos, a prática de checar informações é ainda mais consistente, com a maioria sempre realizando a verificação. Em contraste, os não vacinados que não acreditam na eficácia da vacina tendem a ser menos rigorosos, checando as informações apenas às vezes ou nunca. Os não vacinados por hesitação e medo dos efeitos colaterais apresentam uma divisão equilibrada, checando sempre e às vezes.

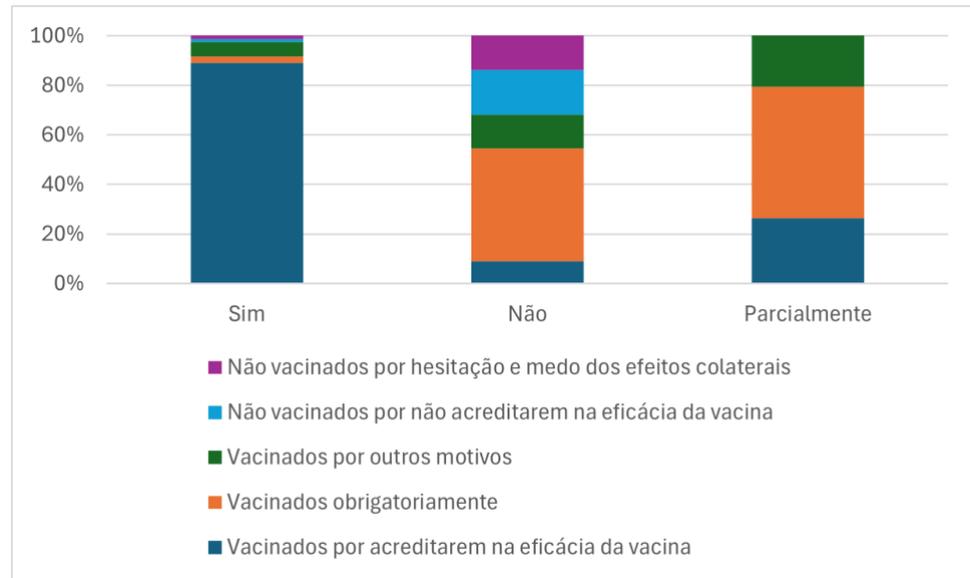
Gráfico 10 - Rede Social mais utilizada de cada participante



Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

O gráfico 10 mostra a rede social mais utilizada pelos participantes. Entre os vacinados que acreditam na eficácia da vacina, o Instagram é a plataforma mais utilizada, seguido pelo *WhatsApp*. Outras redes sociais, como *Twitter*, *Facebook* e *TikTok*, têm menor presença. Para os vacinados obrigatoriamente, o *WhatsApp* é a principal escolha, com o *Instagram* em segundo lugar. No grupo que se vacinou por outros motivos, o *WhatsApp* também lidera, seguido pelo *Instagram* e *TikTok*. Entre os não vacinados que não confiam na eficácia da vacina, o *WhatsApp* é a rede social mais utilizada, seguido pelo *Instagram*. Por fim, os não vacinados por hesitação e medo dos efeitos colaterais apresentam uma distribuição mais equilibrada entre *WhatsApp*, *Instagram*, *TikTok* e outras redes sociais.

Gráfico 11 - Confiabilidade nas informações sobre a covid-19 e as vacinas

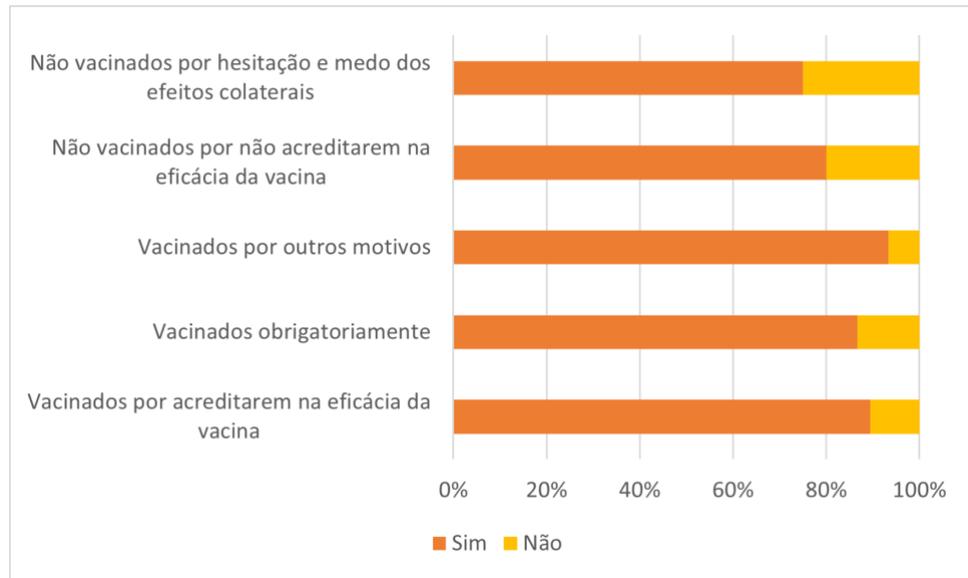


Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

O gráfico 11 evidencia a confiabilidade dos participantes nas informações sobre a covid-19 e vacinas fornecidas por fontes de saúde pública, como o Ministério da Saúde e a Organização Mundial da Saúde (OMS). Entre os vacinados que acreditam na eficácia da vacina, a maioria confia totalmente nessas informações, enquanto uma pequena parte confia parcialmente e uma minoria não confia. Para os vacinados por alguma obrigação, a confiança parcial é predominante, com uma parcela significativa que não confia nas informações. No grupo que se vacinou por outros motivos, observa-se uma divisão mais equilibrada entre confiança parcial e total, com alguns participantes não confiando.

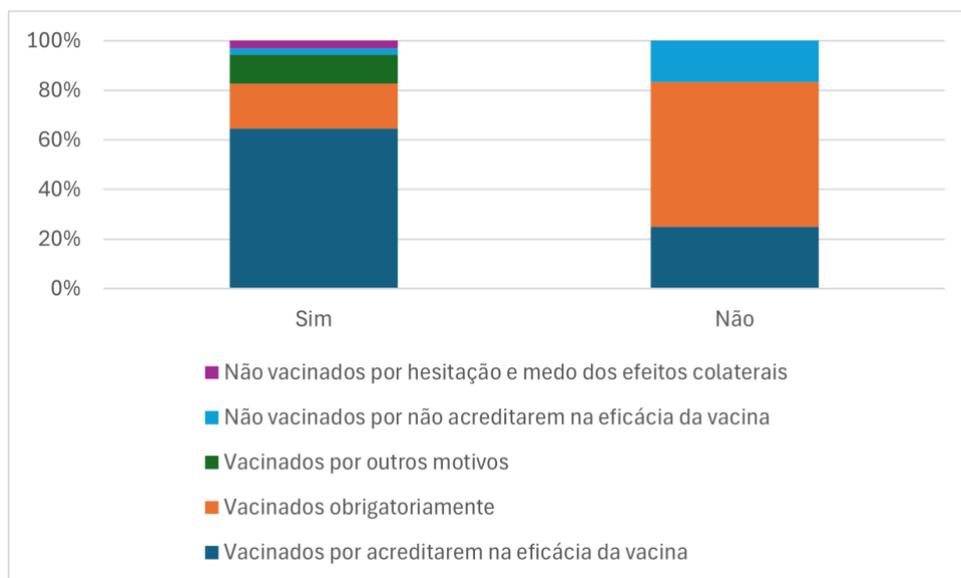
Entre os não vacinados que não confiam na eficácia da vacina, predominam aqueles que não confiam nas fontes oficiais de saúde, com uma pequena proporção que confia nessas fontes. Os não vacinados por hesitação e medo dos efeitos colaterais também predominam entre os que não confiam nas informações oficiais, apresentando uma minoria que confia. Essa situação evidencia a era da pós-verdade, caracterizada por decisões influenciadas mais por emoções do que por fatos concretos, onde os indivíduos acreditam apenas no que lhes convém (Falcão; Souza, 2021)

Gráfico 12 - Hesitação vacinal por informações negativas nas redes sociais



Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

O gráfico 12 ilustra a experiência de hesitação quanto à vacinação devido às informações negativas nas redes sociais. Observou-se que em todos os grupos há prevalência de indivíduos que já hesitaram ou conhecem alguém que hesitou em se vacinar devido às informações negativas sobre as vacinas nas redes sociais. Isso evidencia que notícias falsas geram medo, hesitação e prejuízos para a população.

Gráfico 13 - Crença na influência das *fake news* na vacinação por covid-19

Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

O gráfico 13 apresenta a crença sobre a influência das *fake news* no processo de vacinação contra a covid-19. Entre os vacinados e não vacinados, predominam as pessoas que acreditam na influência que as notícias falsas exercem na vacinação. Além disso, esses resultados demonstram a consciência dos indivíduos sobre os danos que a desinformação pode causar à saúde pública. Como afirmaram Barbosa e Servidoni (2021), as notícias falsas causam problemas imensuráveis à sociedade, influenciando negativamente a tomada de decisões democráticas e sendo utilizadas para prejudicar indivíduos ou grupos.

Apenas um participante não se vacinou por outros motivos; trata-se de um indivíduo do gênero feminino, com menos de 18 anos, alfabetizada, de classe média, evangélica e residente da região Nordeste. Esse indivíduo utiliza predominantemente as redes sociais como fonte de informação e raramente checa a veracidade dessas informações. Além disso, utiliza o Instagram como a principal rede social e confia parcialmente nas informações disponibilizadas por fontes de saúde pública sobre o vírus e as vacinas. Também já hesitou ou conhece alguém que hesitou em se vacinar devido a informações negativas encontradas nas redes sociais e não acredita que as *fake news* influenciem na tomada de decisão sobre a vacina.

Diante do exposto, observa-se que os indivíduos não vacinados e os vacinados obrigatoriamente apresentam muitas semelhanças, principalmente no que se refere às fontes de informação e redes sociais mais utilizadas, à checagem da veracidade e à confiabilidade nas fontes de informações públicas oficiais. Isso sugere que a tomada de decisão desses participantes em relação à vacinação pode ter sido influenciada pelas *fake news*, uma vez que não confiam nos meios oficiais de saúde pública, que são a origem de informações verdadeiras e confiáveis, e utilizam os meios que mais disseminam notícias falsas, sem sempre checando sua veracidade.

Falcão e Souza (2021) mencionaram que a quantidade excessiva de informações falsas provoca pânico, negacionismo e afrouxamento das medidas de prevenção, dificultando o combate ao vírus. Nesse contexto, Vignoli *et al.* (2022) argumentam que essas notícias são utilizadas com o intuito de gerar hesitação e confundir os indivíduos, sendo o meio digital um espaço atrativo para a disseminação de *fake news*, especialmente quando fundamentadas no medo e nas dúvidas.

7 CONCLUSÃO

Este estudo observou que as novas tecnologias da comunicação e informação trouxeram transformações significativas com o advento do computador e da internet, modificando o comportamento e a interação dos indivíduos. Nessa nova era, valoriza-se a informação, que se tornou o pilar dos setores sociais, políticos e econômicos. Esses meios tecnológicos permitiram o acesso em larga escala a notícias online e tornaram-se essenciais para a vida em sociedade, ampliando o acesso à informação, facilitando a comunicação e promovendo o engajamento social.

Nesse contexto, as *fake news* encontraram um terreno fértil para sua disseminação, principalmente por meio das redes sociais, com o objetivo de alcançar o maior número possível de visualizações. Esse fenômeno se tornou uma problemática que traz malefícios para todos os setores da sociedade, especialmente para a saúde pública, já que essas notícias são publicadas e compartilhadas com o intuito de enganar, manipular e influenciar a tomada de decisão dos indivíduos, colocando em risco a democracia e a liberdade de expressão, gerando impactos muitas vezes irreparáveis.

A pandemia de covid-19 no Brasil foi marcada pelo grande volume de informações publicadas diariamente nos meios digitais, caracterizado pela OMS como "infodemia". Entre essas informações, predominaram as *fake news* sobre o vírus, métodos de prevenção, medicações, teorias da conspiração e até mesmo sobre as vacinas, questionando sua eficácia e segurança. Essas notícias geraram hesitação, pânico, medo e incertezas na população, colocando a saúde de todos em risco e dificultando o fim da pandemia no Brasil.

Com isso, esta pesquisa buscou analisar a influência das *fake news* no processo de vacinação contra a covid-19 no país, além de investigar os meios informacionais mais utilizados pelos indivíduos, identificar os danos e ameaças da desinformação à sociedade e à saúde pública e avaliar a confiabilidade ou hesitação na tomada de decisão sobre a vacina. O objetivo foi alcançado, evidenciando-se a influência das *fake news* sobre os participantes. Observou-se que o grupo de não vacinados não confia nas fontes de informação de saúde pública, como a OMS e o Ministério da Saúde. Além disso, é alta a possibilidade de que esse grupo não acesse informações desses sites, tanto pela desconfiança quanto pela preferência por outras fontes, o que os afasta de notícias verdadeiras e confiáveis sobre o vírus e as vacinas.

O grupo de vacinados por obrigação confia apenas parcialmente nessas informações, e se vacinou não por confiança na vacina, mas por exigências relacionadas ao trabalho, viagens ou outras obrigações.

Os meios informacionais mais utilizados por esses dois grupos foram as redes sociais, onde a disseminação de *fake news* é mais prevalente, sendo o *WhatsApp* a rede mais frequentemente utilizada, que também lidera na disseminação de notícias falsas. Essas plataformas não são confiáveis para a obtenção de informações, uma vez que os usuários frequentemente compartilham notícias sem verificar sua veracidade, baseando-se em suas próprias crenças ou emoções. O grupo de não vacinados verifica a veracidade das informações apenas ocasionalmente, o que os expõe a mais desinformação e aumenta a probabilidade de não checarem a procedência da informação, além de não confiarem nos meios oficiais de saúde. Isso reforça a influência das *fake news* na tomada de decisão sobre as vacinas e na confiança dos indivíduos nas fontes oficiais.

O grupo de vacinados por obrigação verifica frequentemente a veracidade das informações, mas confia apenas parcialmente nas fontes confiáveis sobre o vírus e as vacinas. Esse comportamento reflete a era da pós-verdade, em que as pessoas acreditam apenas naquilo que lhes convém, relativizando a verdade. Assim, torna-se evidente que esses participantes estão sob a influência de notícias falsas.

Além disso, ao serem questionados sobre a hesitação em tomar a vacina devido a informações negativas encontradas *online* ou nas redes sociais, a maioria dos participantes relatou já ter hesitado ou conhecer alguém que hesitou por esse motivo. Essa hesitação está presente em todos os grupos, vacinados e não vacinados, evidenciando o impacto dessas notícias na criação de medo e incerteza na sociedade. No entanto, embora a hesitação seja um fator presente, a maioria dos participantes se vacinou por acreditar na eficácia da vacina, não permitindo que essas notícias influenciassem sua decisão, enquanto os não vacinados foram claramente influenciados por essas informações, cumprindo assim o objetivo das *fake news* de manipular decisões democráticas.

Por fim, quase todos os participantes acreditam que as *fake news* influenciaram o processo de vacinação contra a covid-19 no Brasil. Isso demonstra a consciência sobre os impactos que as notícias falsas podem causar, especialmente à saúde pública. No entanto, essa crença não impediu que os não vacinados fossem

influenciados, revelando como essas notícias agem de forma sorrateira no cotidiano dos indivíduos.

Dessa forma, as *fake news* se tornaram uma preocupação global. Em resposta às ameaças da desinformação, foi desenvolvida a Declaração Global sobre a Integridade da Informação, que estabelece que a informação deve ser precisa, segura e confiável, promovendo um ambiente digital seguro e democrático. Esse documento contribui para a soberania brasileira ao garantir a disseminação de dados verificáveis, que apoiem uma tomada de decisão informada e fundamentada em fatos (Brasil, 2023).

Assim, esse tema é de grande relevância para a sociedade contemporânea, pois incentiva reflexões e conscientização sobre a quantidade de informações recebidas diariamente, especialmente nas redes sociais, que são amplamente utilizadas no cotidiano. Assim, é essencial alertar a população sobre a realidade e a gravidade das *fake news*, uma vez que podem causar impactos irreversíveis para a saúde pública, como no caso da desinformação relacionada às vacinas contra a covid-19. Além disso, muitas pessoas estão deixando de se vacinar devido a notícias falsas, o que representa um risco significativo para a sociedade brasileira.

É de extrema importância destacar que as vacinas são essenciais para a prevenção e controle de diversas doenças. Assim, esta pesquisa foi realizada com o objetivo de conscientizar os usuários das redes sociais sobre a gravidade da desinformação para a sociedade e, em especial, para a saúde pública. Nesse sentido, torna-se necessário o desenvolvimento de práticas que auxiliem as pessoas a identificar e distinguir informações confiáveis das não confiáveis, além de promover debates públicos sobre desinformação, liberdade de expressão e responsabilidade nos meios digitais de comunicação. Dessa forma, será possível mitigar a desinformação e garantir a saúde e a melhoria da qualidade de vida da população

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, Gregorio Galvão de; MOREIRA, Cíntia Rosalina Amaral. (R)evolução no gerenciamento de informações. **Iniciação Científica na educação profissional em saúde: articulando trabalho ciência e cultura**, Rio de Janeiro, v. 2, p. 194-230. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/39828>. Acesso em: 05 ago. 2023.
- ALENCAR, Maria da Glória Serra Pinto de *et al.* A sociedade da (des)informação em tempos de pandemia no Brasil: a competência informacional do bibliotecário para a prevenção e o controle da propagação do novo coronavírus. **REBECIN**, São Paulo, v. 7, número especial, p. 90-108, 2020. Disponível em: <https://portal.abecin.org.br/rebecin/article/view/199>. Acesso em: 12 jul. 2023.
- ALVES, Marco Antônio; MACIEL, Emanuella Ribeiro Halfeld. O fenômeno das fake news: definição, combate e contexto. **Internet & Sociedade**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 144-171, jan. 2020. Disponível em: <https://revista.internetlab.org.br/o-fenomeno-das-fake-news-definicao-combate-e-contexto/>. Acesso em: 12 ago. 2023.
- ANTIVAXXERS. *In: Dictionary Online Cambridge*. Disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles-portugues/antivaxxer>. Acesso em: 04 set. 2024
- AS 10 REDES sociais mais usadas entre os brasileiros: confira o ranking atualizado!. **mLabs**, 2024. Disponível em: [Redes Sociais mais usadas no Brasil e no mundo em 2024 \(mlabs.com.br\)](https://mlabs.com.br). Acesso em: 04 set. 2024.
- A VELOCIDADE com que foi criada a vacina da Covid-19 é motivo de preocupação? Especialista do Butantan responde. **Butantan**, São Paulo, 2021. Disponível em: <https://butantan.gov.br/covid/butantan-tira-duvida/tira-duvida-noticias/a-velocidade-com-que-foi-criada-a-vacina-da-covid-19-e-motivo-de-preocupacao-especialista-do-butantan-responde>. Acesso em: 27 out. 2023.
- BAIXAS taxas de vacinação ameaçam o retorno de doenças erradicadas e controladas. **O Globo**, 2022. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/saude/medicina/baixas-taxas-de-vacinacao-ameacam-retorno-de-doencas-erradicadas-controladas-25465481>. Acesso em: 15 out. 2023.
- BALALAI, Isabella; BRAVO, Flavia (org.). **Imunização: tudo o que você sempre quis saber**. 4 ed. Rio de Janeiro: RMCOM, 2020.
- BARBOZA, Endrigo Dellacorte; SERVIDONI, Mônica Cristina. O impacto das fake news na sociedade. **Interface tecnológica**, São Paulo, v. 18, n. 1, p. 169-180, 2021. Disponível em: <https://revista.fatectq.edu.br/interfacetecnologica/article/view/1168>. Acesso em: 06 out. 2023.
- BUTANTAN é um dos 10 principais produtores mundiais de vacina e o maior da América Latina, mostra relatório da OMS. **Butantan**, São Paulo, 2022. Disponível em: <https://butantan.gov.br/noticias/butantan-e-um-dos-10-principais-produtores-mundiais-de-vacina-e-o-maior-da-america-latina-mostra-relatorio-da-oms>. Acesso em: 10 jul. 2023.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.

BRASIL. Ministério da Saúde. Primeiro caso de covid-19 no Brasil permanece sendo o de 26 de fevereiro, **Ministério da Saúde**, 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2020/julho/primeiro-caso-de-covid-19-no-brasil-permanece-sendo-o-de-26-de-fevereiro> Acesso em: 10 mar. 2023.

BRASIL. Ministério da Saúde. Vacinas – Covid-19. Agência Nacional de Vigilância Sanitária – Anvisa. Ministério da Saúde. **Ministério da Saúde**, 2022. Disponível em: Acesso em: 12 mar. 2023.

BRASIL. Ministério da Saúde. Programa Nacional de Imunizações. **Ministério da Saúde**. 2022. Disponível em: [https://www.gov.br/saude/pt-br/acao-informacao/acoes-e-programas/pni#:~:text=O%20PNI%20%C3%A9%20hoje%20parte,para%20o%20Desenvolvimento%20\(PNUD\)](https://www.gov.br/saude/pt-br/acao-informacao/acoes-e-programas/pni#:~:text=O%20PNI%20%C3%A9%20hoje%20parte,para%20o%20Desenvolvimento%20(PNUD).). Acesso em: 09 nov. 2023.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conheça a força do PNI e a importância da vacinação para o enfrentamento de doenças. **Ministério da Saúde**, 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2021/junho/conheca-a-forca-do-pni-e-a-importancia-da-vacinacao-para-o-enfrentamento-de-doencas>. Acesso em: 09 out. 2023.

BRASIL. Ministério da Saúde. “É uma ação criminosa”, diz ministra Nísia Trindade sobre fake news que questionam segurança das vacinas. **Ministério da Saúde**, 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2023/marco/e-uma-acao-criminosa-diz-ministra-nisia-trindade-sobre-fake-news-que-questionam-seguranca-das-vacinas>. Acesso em: 05 ago. 2023.

BRASIL. Ministério da Saúde. SAÚDE com Ciência analisa Fake News mais recorrentes nas redes sociais para combater a desinformação. **Ministério da Saúde**, 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-com-ciencia/noticias/2023/outubro/conheca-as-fake-news-mais-recorrentes>. Acesso em: 03 nov. 2023.

BRASIL. Ministério da Saúde. Programa Nacional de Imunizações – Vacinação. **Ministério da Saúde**. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/acao-informacao/acoes-e-programas/programa-nacional-de-imunizacoes-vacinacao>. Acesso em: 09 nov. 2023.

BRASIL. Ministério da Saúde. Ministério da Saúde reforça: vacinas são seguras e importantes contra Covid-19. **Ministério da Saúde**, 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-com-ciencia/noticias/2023/outubro/ministerio-da-saude-reforca-vacinas-sao-seguras-e-importantes-contracovid-19>. Acesso em: 28 out. 2023.

BRASIL. Secretaria de Comunicação Social. Brasil subscreve Declaração Global sobre integridade da informação online. **Secretaria de Comunicação Social**, 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/secom/pt-br/assuntos/noticias/2023/09/brasil-subscreve-declaracao-global-sobre-integridade-da-informacao-online>. Acesso em: 23 set. 2024.

CARRICONDE, Gabriel. Notícias falsas pioram situação econômica e social de famílias na periferia de Curitiba. **Brasil de fato**, Curitiba, 2021. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2021/10/30/noticias-falsas-pioram-situacao-economica-e-social-de-familias-na-periferia-de-curitiba>. Acesso em 16 out. 2023.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CHARTIER, Roger. **Os desafios da escrita**. Tradução: Fulvia M. L. Moretto. São Paulo: UNESP, 2002.

CONTRA fake news, Instagram e Facebook colocam avisos em postagens sobre Eleições 2022. **TSE**, 2021. Disponível em: <https://www.tse.jus.br/comunicacao/noticias/2021/Dezembro/contra-fake-news-instagram-e-facebook-colocam-avisos-em-postagens-sobre-eleicoes-2022>. Acesso em: 09 nov. 2023.

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário etimológico da Língua Portuguesa**, 4 ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2010.

DANDARA, Luana. Programa Nacional de Imunizações é um marco histórico na saúde pública brasileira. **Fiocruz**, Rio de Janeiro, 2022. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/noticia/programa-nacional-de-imunizacoes-e-um-marco-historico-na-saude-publica-brasileira>. Acesso em: 19 ago. 2023.

DANDE, Grazieli Siqueira; SILVA JÚNIOR, Sinézio Inácio da; MARTINEZ, Maria Regina. Histórico da vacinação no Brasil e o atual cenário em decorrência da pandemia da covid-19. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, v. 15, n. 11, p. 1-8, 2022. Disponível em: <https://acervomais.com.br/index.php/saude/article/view/11346>. Acesso em: 05 set. 2023.

DOENÇAS erradicadas podem voltar: conheça quatro consequências graves da baixa imunização infantil. **Butantan**, São Paulo, 2022. Disponível em: <https://butantan.gov.br/noticias/doencas-erradicadas-podem-voltar-conheca-quatro-consequencias-graves-da-baixa-imunizacao-infantil>. Acesso em: 17 out. 2023.

ESTUDO aponta redução de 87% no risco de óbitos por covid-19 em pessoas com vacinação completa. **Secretaria da Saúde**, 2021. Disponível em: <https://saude.rs.gov.br/estudo-aponta-reducao-de-87-no-risco-de-obitos-por-covid-19-em-pessoas-com-vacinacao-completa>. Acesso em: 05 set. 2023.

FACEBOOK acrescenta ferramenta para combater informações falsas nos grupos. **Exame**, 2022. Disponível em: <https://exame.com/tecnologia/facebook-acrescenta-ferramenta-para-combater-informacoes-falsas-nos-grupos/>. Acesso em: 10 out. 2023.

FAGUNDES, Vanessa Oliveira *et al.* Jovens e sua percepção sobre fake news na ciência. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goldi: Ciências Humanas**, Belém, v. 16, n. 1, p. 17, 2021. Disponível em: SciELO - Brasil - Jovens e sua percepção sobre fake news na ciência Jovens e sua percepção sobre fake news na ciência. Acesso em: 16 set. 2023.

FALCÃO, Paula; SOUZA, Aline Batista de. Pandemia de desinformação: as fake news no contexto do covid-19 no Brasil. **Reciis**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 1, p. 55-71, 2021. Disponível em:

<https://www.reciis.iciict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/2219>. Acesso em: 13 out. 2023.

FAKE News e vacinas: como identificar informações falsas e o papel das autoridades de saúde pública na prevenção de doenças. **Unicef**, 2024. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/blog/fake-news-e-vacinas>. Acesso em: 04 set. 2024.

FEIJÓ, Ricardo Becker; SÁFADI, Marco Aurélio P. Imunizações: três séculos de uma história de sucessos e constantes desafios. **Jornal de Pediatria**, Rio de Janeiro, v. 82, n. 3, p. 1-3, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/jped/a/ZjQy9DgV5tmcLqkx3YsS5Vf/>. Acesso em: 21 out. 2023.

FERREIRA, João Rodrigo Santos; LIMA, Paulo Ricardo Silva; SOUZA, Edivanio Duarte de. Desinformação, infodemia e caos social: impactos negativos das fake news no cenário da covid-19. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 27, n. 1, p. 1-29, 2021. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/102195>. Acesso em: 09 ago. 2024.

FIOCRUZ e Butantan estão entre os principais produtores mundiais de vacina. **Fiocruz**, 2022. Disponível em: <https://www.bio.fiocruz.br/index.php/br/noticias/3118-fiocruz-e-butantan-estao-entre-os-principais-produtores-mundiais-de-vacina-diz-oms>. Acesso em: 17 out. 2023.

FONSECA, João José Saraiva da. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002.

FOSTER, Renê *et al.* Fake news: o que é, como se faz e porque funciona?. **SciELO Preprints**, São Paulo, p. 33, 2021. Disponível em: <https://preprints.scielo.org/index.php/scielo/preprint/view/3294>. Acesso em: 30 jul. 2023.

GALHARDI, Cláudia Pereira *et al.* Fake news e hesitação vacinal no contexto da pandemia da covid-19 no Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, São Paulo, v. 27, n. 5, p. 1849-1858, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/PBmHtLCpJ7q9TXPwVZ3kGH/>. Acesso em: 25 ago. 2023.

GAMA, Fabiano; LEAL, Lucas. Programa Nacional de Imunizações completa 50 anos. Conheça formações do CVF ligados à vacinação. **Fiocruz**, 2023. Disponível em: <https://campusvirtual.fiocruz.br/portal/?q=noticia/72398>. Acesso em: 17 out. 2023.

GAMEIRO, Nathália. Estudo aponta aumento da eficácia da vacina de Covid-19 em mais de 90% com dose de reforço. **Fiocruz**, 2022. Disponível em: <https://www.fiocruzbrasil.br/estudo-aponta-aumento-da-eficacia-da-vacina-de-covid-19-em-mais-de-90-com-dose-de-reforco/#:~:text=Alguns%20estudos%20evidenciam%20que%2C%20de,72%2C%205%2C%20respectivamente>. Acesso em: 23 out. 2023.

GOVERNO Federal lança programa de combate à desinformação sobre vacinas. **Fiocruz**, 2023. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/noticia/governo-federal-lanca-programa-de-combate-desinformacao-sobre-vacinas>. Acesso em: 02 nov. 2023.

GUERREIRO, Augusto Deodato. **História breve dos meios de comunicação**: da imanência pensante à sociedade em rede. Lisboa: EDLARS, 2014.

GUGEL, Sandrieli *et al.* Percepções acerca da importância da vacinação e da recusa vacinal: uma revisão bibliográfica. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, v. 7, n. 3, p. 22710-11722, 2021. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/25872>. Acesso em: 19 out. 2023.

GOVERNO Federal lança programa de combate à desinformação sobre vacinas. **Fiocruz**, 2023. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/noticia/governo-federal-lanca-programa-de-combate-desinformacao-sobre-vacinas>. Acesso em: 02 nov. 2023.

HELLER, Bruna; JACOBI, Greison; BORGES, Jussara. Por uma compreensão da desinformação sob a perspectiva da ciência da informação. **Ciência da Informação**, v. 49, n. 2, p. 189-204, 2020. Disponível em: <https://revista.ibict.br/ciinf/article/view/5196>. Acesso em: 15 ago. 2023.

HENRIQUE, Bruna Rosa; WEBER, Miriam Simone Wingert. Das cavernas à era digital: a evolução da escrita. **Saberes em foco**, Novo Hamburgo, v. 3, n. 1, p. 275-286, ago. 2020. Disponível em: <https://periodicos.novohamburgo.rs.gov.br/index.php/saberes-em-foco/article/view/97>. Acesso em: 13 dez. 2023.

HOMEM espancado por moradores e vítima de fake news tem morte encefálica no litoral de SP. **G1**, Santos, 2023. Disponível em: Homem espancado por moradores e vítima de fake news tem morte encefálica no litoral de SP | Santos e Região | G1 (globo.com). Acesso em: 03 nov. 2023.

IMUNIZAÇÃO, uma descoberta da ciência que vem salvando vidas desde o século XVIII. **Butantan**, São Paulo, 2021. Disponível em: <https://butantan.gov.br/noticias/imunizacao-uma-descoberta-da-ciencia-que-vem-salvando-vidas-desde-o-seculo-xviii>. Acesso em: 21 mar. 2023

INFODEMIA tem tornado respostas à emergências de Saúde ainda mais difícil, afirma OPAS em aula inaugural de pós-graduação de comunicação em saúde. **OPAS**, Brasília, 2020. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/noticias/14-8-2020-infodemia-tem-tornando-resposta-emergencias-saude-ainda-mais-dificil-afirma-opas>. Acesso em: 09 jul. 2023.

JAMIL, George Leal; NEVES, Jorge Tadeu de Ramos. A era da informação: considerações sobre o desenvolvimento das tecnologias da informação. **Perspectivas em ciência da informação**, Belo Horizonte, v. 5, n. 1, p. 41-53, 2000. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/pci/article/view/23309>. Acesso em: 17 mar. 2023.

KOHN, Karen; MORAES, Cláudia Herte de. Os impactos das novas tecnologias na sociedade da informação e da sociedade digital. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 30., 2007, Santos. **Anais[...]**. Santos: Intercon, 2007, p. 1-13. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R1533-1.pdf>. Acesso em: 10 jul. 2023.

LEVI, Guido Carlos. **Recusa de vacinas: causas e consequências**. São Paulo: Segmento Farma, 2013.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Tradução: Carlos Irineu Costa. São Paulo: UNESP, 1999.

LISBOA, Vinícius. Fake news sobre vacinas buscam gerar medo, dúvidas e lucro. **Agência Brasil**, Rio de Janeiro, 2023. Disponível em: Fake news sobre vacinas buscam gerar medo, dúvidas e lucro | Agência Brasil (ebc.com.br). Acesso em: 10 out. 2023.

LUCIANO, Juliana Antero; CAMURÇA, Eulália Emilia Pinho. Fake News: os desafios do controle e censura. *In*: SEMANA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA, 14., 2018, Fortaleza. **Anais[...]**. Fortaleza: UNI7, p. 12, 2018. Disponível em: <https://periodicos.uni7.edu.br/index.php/iniciacao-cientifica/article/view/715>. Acesso em: 09 set. 2023.

MARTINS, Pedro Paulo Almeida. Os impactos da disseminação das fake news na sociedade. **Revista ibero-americana de Humanidades e Ciências e Educação**, São Paulo, v. 7, n. 12, p. 1193-1207, dez. 2021. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/3564>. Acesso em: 12 ago. 2023;

MASSARANI, Luisa Medeiros *et al.* Infodemia, desinformação e vacinas: a circulação de conteúdos em redes sociais antes e depois da covid-19. **Liinc em Revista**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 1, p. 1-23, 2021. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/51878>. Acesso em: 28 set. 2023.

MELO, Patricia Bandeira de. Um passeio pela história da imprensa: o espaço público dos grunhidos ao ciberespaço. **Comunicação e informação**, Goiânia, v. 8, n. 1, p. 26-38, jan./jun. 2005. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/ci/article/view/24592>. Acesso em: 23 mar. 2023.

MINGOTE, Bianca. Decretado fim da emergência sanitária global de Covid-19. **Senado**, 2023. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/radio/1/noticia/2023/05/08/decretado-fim-da-emergencia-sanitaria-global-de-covid-19>. Acesso: 08 out. 2023.

MONTEIRO, Ester. Projetos em análise no Senado combatem desinformação e fake news. **Senado**, Brasília, 2022. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2022/09/26/projetos-em-analise-no-senado-combatem-desinformacao-e-fake-news>. Acesso em: 08 nov. 2023.

MONTEIRO, Danielle. Vacinas são principal alvo de desinformações sobre Covid-19 na internet. **Fiocruz**, Rio de Janeiro, 2021. Disponível em: <https://informe.ensp.fiocruz.br/noticias/51727>. Acesso em: 04 set. 2023.

NÃO vacinados representam 75% das mortes por Covid-19, diz estudo brasileiro: vacinação protegeu todas as faixas etárias de hospitalizações e mortes, inclusive indivíduos com mais de 80 anos. **Butantan**, São Paulo, 2022. Disponível em: <https://butantan.gov.br/noticias/nao-vacinados-representam-75-das-mortes-por-covid-19-diz-estudo-brasileiro>. Acesso em: 12 ago. 2023.

NEVES, Barbara Coelho; BORGES, Jussara. Por que as fake news tem espaço nas mídias sociais?: uma discussão a luz do comportamento infocomunicacional e do marketing digital. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v. 30, n.

2, 2020. Disponível em:

<https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/view/50410>. Acesso em: 18 ago. 2023.

OLIVEIRA, André Soares; GOMES, Patricia Oliveira. Os limites da liberdade de expressão: fake News como ameaça a democracia. **Revista de Direito e Garantias Fundamentais**, Vitória, v. 20, n. 2, p. 93-118, 2019. Disponível em:

<https://sisbib.emnuvens.com.br/direitosegarantias/article/view/1645>. Acesso em: 14 set. 2023.

OLIVEIRA, Mariana. TSE multa campanha de Haddad por impulsionar notícias contra Bolsonaro na internet. **G1**, Brasília, 2019. Disponível em:

<https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/03/28/tse-multa-campanha-de-haddad-em-r-176-mil-por-impulsionar-noticias-contr-bolsonaro-na-internet.ghtml>. Acesso em: 08 set. 2023.

OMS declara fim da Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional referente à covid-19. **OPAS**, Brasília, 2023. Disponível em:

<https://www.paho.org/pt/noticias/5-5-2023-oms-declara-fim-da-emergencia-saude-publica-importancia-internacional-referente> Acesso em: 13 out. 2023.

PALFREY, Jhon; GASSER, Urs. **Nascidos na era digital**: entendendo a primeira geração dos nativos digitais. Porto Alegre: Artmed, 2001.

PERGUNTAS frequentes: vacinas. **Fiocruz**, 2022. Disponível

em:<https://www.bio.fiocruz.br/index.php/br/perguntas-frequentes/perguntas-frequentes-vacinas-menu-topo>. Acesso em: 18 out. 2023.

PESQUISADORA é obrigada a deixar cidade no Norte do ES após ser alvo de fake news. **G1**, Espírito Santo, 2023. Disponível em: Pesquisadora é obrigada a deixar cidade no Norte do ES após ser alvo de fake news | Espírito Santo | G1 (globo.com). Acesso em: 02 nov. 2023.

PINA, Rute. TSE confirma que “kit gay” nunca existiu e proíbe “fake news” de Bolsonaro. **Brasil de Fato**, 2018. Disponível em:

<https://www.brasildefato.com.br/2018/10/16/tse-confirma-que-kit-gay-nunca-existiu-e-proibe-fake-news-de-bolsonaro>. Acesso em: 10 set. 2023.

QUEIROZ, Rita de C. R. A informação escrita: do manuscrito ao texto virtual. *In*:

ENCONTRO NACIONAL DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 6., 2005, Salvador. **Anais** [...] Disponível em: http://www.ufrgs.br/limc/escritacoletiva/pdf/a_info_escrita.pdf. Acesso em: 18 jul. 2023.

QUEDA nas taxas de vacinação no Brasil ameaça a saúde das crianças. **Butantan**, São Paulo, 2022. Disponível em: Queda nas taxas de vacinação no Brasil ameaça a saúde das crianças - Instituto Butantan. Acesso em: 12 mar. 2023.

RECUERO, Raquel. **A conversação em rede**: comunicação mediada pelo computador e redes sociais na internet. Porto Alegre: Sulina, 2012.

RESENDE, Isabelle; ARAUJO, Thaynara. Vacinas contra covid-19 são principal alvo de fake news no Brasil, aponta estudo. **CNN**, Rio de Janeiro, 2021. Disponível em: Vacinas contra Covid-19 são principal alvo de fake news no Brasil, aponta estudo | CNN Brasil. Acesso em: 09 mar. 2023.

REZENDE, Alessandro Teixeira *et al.* Teorias da Conspiração: significados em contexto brasileiro. **Estudos e Psicologia**, Campinas, 36, p. 12, 2021. Disponível: SciELO - Brasil - Teorias da conspiração: significados em contexto brasileiro Teorias da conspiração: significados em contexto brasileiro. Acesso em: 05 set. 2024.

RIBEIRO, Débora. Meme. **Dicionário Online de Português**. 2009c. Disponível em: Meme - Dicio, Dicionário Online de Português. Acesso em: 12 dez. 2023.

RODRIGUES, Antonia Zeneide; COSTA, João Bosco Araújo da. As tecnologias de informação e comunicação na era da informação. *In: SEMINÁRIO NACIONAL DE SOCIOLOGIA DA UFS*, 1., 2016, São Cristóvão. **Anais [...]**. São Cristóvão: PPGS/UFS, 2016. p. 640-657. Disponível em: <https://ri.ufs.br/handle/riufs/12885>. Acesso em: 20 abr. 2023.

RODRIGUES, Tatiane Daby de Fátima Faria; OLIVEIRA, Guilherme Saramago de; SANTOS, Josely Alves dos. As pesquisas qualitativas e quantitativas na educação. **Revista Prisma**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p. 154-174, 2021. Disponível em: AS PESQUISAS QUALITATIVAS E QUANTITATIVAS NA EDUCAÇÃO | Revista Prisma (emnuvens.com.br). Acesso em: 04 set. 2023.

ROCHA DE JESUS, João Eudes. Retórica e fake news: uma análise da mentira como meio de persuasão. **Revista Quaestio Iuris**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 4, p. 1784-1803, 2021. Disponível em: Retórica e fake news: uma análise da mentira como meio de persuasão | REVISTA QUAESTIO IURIS (uerj.br). Acesso em: 10 out. 2023.

SAÚDE com ciência: Governo Federal lança programa em defesa das vacinas e de combate à desinformação. **Fiocruz**, Rio de Janeiro, 2023. Disponível em: Governo Federal lança programa de combate à desinformação sobre vacinas (fiocruz.br). Acesso em: 10 nov. 2023.

SENDOV, Blagovest. Entrando a era da informação. **Estudos avançados**, São Paulo, v. 8, n. 20, p. 28-32, 1994. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/XftrykQFmPCXPHmzCJTpTrS/>. Acesso em: 08 fev. 2023.

SERRA, Alynne Moreira. **Fake news**: uma discussão sobre o fenômeno e suas consequências. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Ciência da Computação). Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2018.

SILVA, Fabio Aparecido Rocha da et al. A importância das vacinas na prevenção e erradicação de doenças. **Revista Remecs**, São Paulo, v. 6, n. 11, p. 19-29, 2021.

SILVA, João Carlos da; CARVALHO, Cedric Luis de. A sociedade da informação e do conhecimento: presente e futuro. **Revista UFG**, Goiânia, v. 11, n. 7, 2017. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/revistaufg/article/view/48261>. Acesso em: 20 jun. 2023.

SOUZA, Lais Andrade; SANTOS FILHO, Eudaldo Francisco dos; TRINCHÃO, Glaucia Maria Costa. Cronologia visual da tipografia: do surgimento da escrita à idade média. *In: SEMINÁRIO DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENHO, CULTURA E INTERATIVIDADE*, 11., 2015, Feira de Santana. **Anais[...]**. Feira de Santana: PPGDCI/UEFS, 2015. p. 524-533. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/304578904_CRONOLOGIA_VISUAL_DA_

TIPOGRAFIA_DO_SURGIMENTO_DA_ESCRITA_A_IDADE_MEDIA. Acesso em: 12 jul. 2023

SOUZA, Alex Sandro Rolland *et al.* Aspectos gerais da pandemia de covid-19. **Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil**, Recife, v. 21, n. 1, p. 47-64, fev. 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbsmi/a/8phGbzmbSsynCQRWjpXJL9m/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 12 out. 2023.

TOLEDO, Penélope. “A importância da vacinação não está somente na proteção individual, mas porque ela evita a propagação em massa de doenças que podem levar à morte ou a sequelas graves” (José Augusto Alves de Britto, IFF/ Fiocruz). **Fiocruz**, Brasília, 2018. Disponível em: https://www.incqs.fiocruz.br/index.php?option=com_content&view=article&id=1721:a-importancia-da-vacinacao-nao-esta-somente-na-protexcao-individual-mas-porque-ela- evita-a-propagacao-em-massa-de-doencas-que-podem-levar-a-morte-ou-a- sequelas-graves&catid=42&Itemid=132. Acesso em: 07 set. 2023.

TSE e WhatsApp celebram acordo para combate à desinformação nas Eleições 2022. **TSE**, Brasília, 2022. Disponível em: <https://www.tse.jus.br/comunicacao/noticias/2022/Fevereiro/tse-e-whatsapp- celebram-acordo-para-combate-a-desinformacao-nas-eleicoes-2022>. Acesso em: 17 out. 2023.

TWITTER anuncia criação de ferramentas de combate a fake news nas eleições. **CNN**, 2022. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/twitter-anuncia- criacao-de-ferramentas-de-combate-a-fake-news-nas-eleicoes/>. Acesso em: 20 out. 2023.

VACINA contra covid passará a integrar o Programa Nacional de Imunizações. **Cofen**, 2023. Disponível em: <https://www.cofen.gov.br/brasil-vacinara-anualmente- criancas-e-grupos-prioritarios-contracovid/>. Acesso em: 10 nov. 2023.

VACINAS ainda são uma das armas mais eficazes para prevenir doenças. **Fiocruz**, Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/noticia/vacinas-ainda- sao-uma-das-armas-mais-eficazes-para-prevenir-doencas> Acesso em: 18 mar. 2023.

VACINAÇÃO contra Covid-19 no Brasil completa 1 ano com grande impacto da CoronaVac na redução de hospitalizações e mortes. **Butantan**, Brasília, 2022. Disponível em: <https://butantan.gov.br/noticias/vacinacao-contracovid-19-no-brasil- completa-1-ano-com-grande-impacto-da-coronavac-na-reducao-de-hospitalizacoes- e-mortes>. Acesso em: 06 out. 2023.

VALLE, Maíra; PANCETTI, Alessandra. A transformação do mundo pela escrita. **Com ciência**, Campinas, n. 113, 2009. Disponível em: https://comciencia.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519- 76542009000900002&lng=es&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em: 15 out. 2023.

VALVERDE, Ricardo. PNI completa 50 anos e Fiocruz se prepara para ampliar parceria. **Fiocruz**, Rio de Janeiro, 2023. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/noticia/pni-completa-50-anos-e-fiocruz-se-prepara-para- ampliar-parceria>. Acesso em: 10 out. 2023.

VAZ, Leticia Botelho; GARCIA, Paula da Costa. **A descoberta da vacina**: uma história de sucesso no combate a grandes epidemias. Minas Gerais, p. 18, 2017.

Disponível em:

<http://www.atenas.edu.br/uniatenas/assets/files/magazines/A_DESCOBERTA_DA_VACINA_uma_historia_de_sucesso_no_combate_a_grandes_epidemias.pdf>.

Acesso em: 28 ago. 2023.

VIGNOLI, Richele Grengue *et al.* Movimento antivacina e hesitação vacinal na covid-19: reflexões e percepções para a ciência da informação. **Informação e**

Informação, Londrina, v. 27, n. 1, p. 457-484, 2022. Disponível em:

<https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/44320>. Acesso em: 09 set. 2023.

VILELA FILHO, Alexander de Sá *et al.* Vacinas para covid-19: uma revisão de literatura. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, v. 8, n. 1, p. 1880-1901, 2022. Disponível em:

<https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/42433/0>. Acesso em: 09 out. 2023.

WARDLE, Claire. Guia essencial da First Draft para entender a desordem informacional. 2 ed. [EUA]: **First Draft**, p. 5-69, 2020. Disponível em:

https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/8288705/mod_resource/content/1/WARDLE%20Entender%20a%20desordem%20informacional.pdf. Acesso em: 12 ago. 2023.

WÜNSCH, Marina Sanches; FERREIRA, Natasha Alves. O impacto das fake news na democracia e o papel da cláusula democrática. **Revista da Faculdade de Direito da Universidade Federal de Uberlândia**, Uberlândia, v. 49, n. 2, p. 473-497, 2021.

Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/revistafadir/article/view/61276>. Acesso em: 13 ago. 2023.

WHATSAPP limita mensagens na Índia após notícias falsas levarem a linchamentos.

BBC, 2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/whatsapp-india-fake-news>. Acesso em: 12 set. 2023.

APÊNDICE - QUESTIONÁRIO

Este formulário busca analisar a possível influência das *fake news* no processo de vacinação por covid-19

Contato: jessicps16@gmail.com

<p>1- Sexo?</p> <p>Masculino ()</p> <p>Feminino ()</p>	<p>2- Faixa etária?</p> <p>Menos de 18 anos ()</p> <p>18-30 anos ()</p> <p>31-50 anos ()</p> <p>51-65 anos ()</p> <p>mais de 65 anos ()</p>	<p>3- Nível de escolaridade?</p> <p>Alfabetizado ()</p> <p>Médio ()</p> <p>Superior ()</p> <p>Pós-graduado ()</p>
<p>4- Classe social?</p> <p>Alta ()</p> <p>Média ()</p> <p>Baixa ()</p>	<p>5- Religião?</p> <p>Católico ()</p> <p>Evangélico ()</p> <p>Umbandista ()</p> <p>Espírita ()</p> <p>Ateu ()</p> <p>Outros ()</p>	<p>6- Qual região do Brasil você reside?</p> <p>Norte ()</p> <p>Nordeste ()</p> <p>Sul ()</p> <p>Sudeste ()</p> <p>Centro-oeste ()</p>
<p>7- Qual meio você mais utiliza para obter informações?</p> <p>Mídias tradicionais (rádio, televisão, jornais, revistas) ()</p> <p>Redes sociais ()</p> <p>Internet ()</p> <p>Conversas e discussões ()</p> <p>Outros ()</p>	<p>8- Você checa a veracidade das informações antes de compartilhá-las ou antes de tomar para si como verdade?</p> <p>Sempre ()</p> <p>Às vezes ()</p> <p>Raramente ()</p> <p>Nunca ()</p>	<p>9- Qual rede social você utiliza com mais frequência?</p> <p>Instagram ()</p> <p>Whatsapp ()</p> <p>Twitter ()</p> <p>Facebook ()</p> <p>Tiktok ()</p> <p>Outros ()</p>

<p>10- Você confia nas informações sobre a covid-19 e as vacinas fornecidas por fontes de saúde pública, como o Ministério da Saúde ou a Organização Mundial da Saúde (OMS)?</p> <p>Sim ()</p> <p>Não ()</p> <p>Parcialmente ()</p>	<p>11- Você tomou a vacina contra a covid-19?</p> <p>Sim. Acredito na eficácia da vacina ()</p> <p>Sim. Obrigado por algum fator (exigência no local de trabalho, requisito para viagem, ou outros motivos) ()</p> <p>Sim. Por outros motivos ()</p> <p>Não. Não acredito na eficácia da vacina ()</p> <p>Não. Não tomei a vacina por hesitação e medo dos possíveis efeitos colaterais ()</p> <p>Não. Sou contra vacinas ()</p> <p>Não. Por outros motivos ()</p>	<p>12- Você ou alguém que conhece já hesitou em tomar a vacina devido a informações negativas encontradas <i>online</i> ou nas redes sociais?</p> <p>Sim ()</p> <p>Não ()</p>
<p>13- Você acredita que as <i>fake news</i> influenciam na vacinação contra covid-19?</p> <p>Sim ()</p> <p>Não ()</p>		